

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MICHELLE FERRET BADIALI

MARIAS:  
BIOPOLÍTICA, VIDA NUA E RESILIÊNCIA

NATAL  
2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MICHELLE FERRET BADIALI

MARIAS:  
BIOPOLÍTICA, VIDA NUA E RESILIÊNCIA

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, na área de Dinâmicas Sociais, Práticas Culturais e Representações

Orientador: Prof. Dr. Alexsandro Galeno Araújo Dantas

NATAL  
2009

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Badiali, Michelle Ferret

Marias : biopolítica, vida nua e resiliência / Michelle Ferret Badiali.  
Natal, 2009.  
124 f.

Projeto de Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências  
Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências  
Sociais. Natal, 2009.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Galeno Araújo Dantas.

1. Biopolítica. 2. Vida nua. 3. Resiliência. I. Dantas, Alessandro  
Galeno Araújo Dantas. II. Universidade Federal do Rio Grande do  
Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 3

MICHELLE FERRET BADIALI

MARIAS:  
BIOPOLÍTICA, VIDA NUA E RESILIÊNCIA

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, na área de Dinâmicas Sociais, Práticas Culturais e Representações

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Alexandro Galeno Araújo Dantas (UFRN)  
Orientador

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior (UFRN)  
Membro

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Josineide Silveira de Oliveira (UERN)  
Membro

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Norma Missae Takeutti (UFRN)  
Suplente

*Dedico às Marias. É para elas todo o fôlego, o desatino e a esperança. São para elas a descoberta de pequenos raios de sol no meio de uma escuridão.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a poesia de Manoel de Barros que me mostrou as grandezas do ínfimo;

Ao ocaso;

Às ruas e suas possibilidades;

Ao ir e vir dos homens;

Ao meu orientador Alex Galeno, com quem tive a oportunidade de dividir as dores e as delicias deste trabalho, que não foram poucas. Agradeço a paciência e por acreditar nessa loucura toda;

Ao meu filho Pedro sempre inspirador e com seus olhos de farol me guiam pelo mundo afora;

Aos meus pais pela vida, cuidado e mesmo com seus gênios de guerra me mostraram um caminho da paz;

A minha mãe Leila pela revisão do trabalho e sempre apontando os erros para que eu tenha possibilidade de acertar um dia;

Aos meus irmãos e aos amigos próximos e sempre acolhedores que desembaçam os óculos do meu mundo;

A João Carlos Sampaio, meu amor/amigo;

Ao professor Orivaldo Pimentel e à professora Norma Missae pela luz acesa na qualificação.

*Para compor um tratado sobre passarinhos  
É preciso por primeiro que haja um rio com árvores  
e palmeiras nas margens.  
E dentro dos quintais das casas que haja pelo menos goiabeiras.  
E que haja por perto brejos e iguarias de brejos.  
É preciso que haja insetos para os passarinhos.  
Insetos de pau, sobretudo, que são os mais palatáveis.  
A presença de libélulas seria uma boa.  
O azul é muito importante na vida dos passarinhos.  
Porque os passarinhos precisam antes de belos ser eternos.  
Eternos que nem uma fuga de Bach.*

(Manoel de Barros,  
Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo)



## RESUMO

A partir da narrativa de vida de três mulheres, Maria Firmino (moradora de rua), Maria José (moradora de um hospital psiquiátrico) e Maria de La Luz Cervantes (personagem fictícia do conto de Gabriel Garcia Márquez, interna acidentalmente num hospital psiquiátrico), a dissertação “Marias: Biopolítica, Vida Nua e Resiliências” traz as teorias de Giorgio Agamben referente à Vida Nua e Homo Sacer, Michel Foucault com a biopolítica e as resiliências escritas por Boris Cyrulnik. São nas histórias de vida destas três mulheres que a dissertação desenvolve um campo de concentração imaginário para trabalhar a sujeição de suas vidas e corpos ao poder externo, à biopolítica.

Palavras - chave: Vida Nua, Biopolítica e Resiliência

## **ABSTRACT**

Taking the narrative of life of three women (homeless), Maria José (residente of a psychiatric hospital) and Maria de La Luz Cervantes (fictional character of Gabriel Garcia Marquez, accidentally intern in a psychiatric hospital), the dissertation "Marias: Biopolitics, bare life and their stories" brings Giorgio Agamben's theories referring to Naked Life and Homo Sacer, Michel Foucault's with the biopolitics and resiliences written by Boris Cyrulnik. Its on these three women life stories that the dissertation develops a imaginary concentration camp to work their lives and bodies subjection to the external power, the biopolitic.

Key -Words : Naked Life, Biopolitics e Resiliences

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - IMAGEM DE AUSCHWITZ RETIRADA DO SITE SPECTRUM.WEBLOG.COM.PT/ARQUIVO/2005/01/.....	64
FIGURA 2 - CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE AUSCHWITZ.....	72
FIGURA 3 - CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE AUSCHWITZ.....	72
FIGURA 4 - HOSPITAL COLÔNIA JOÃO MACHADO.....	73
FIGURA 5 - HOSPITAL COLÔNIA JOÃO MACHADO.....	73

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>Capítulo I: ENCONTROS</b> .....	15
<b>Capítulo II: A VIDA NUA DAS MARIAS</b> .....	30
2.1 OS DIAS E NOITES DAS MARIAS.....	37
<b>Capítulo III: AS MARIAS INFAMES</b> .....	54
3.1 AS INFAMES E SUAS HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA.....	57
3.2 MARIA FIRMINO E SUA PAIXÃO POR SEVERINO.....	65
3.3 MARIA JOSÉ: TESTEMUNHA DE UMA VIDA NO HOSPÍCIO.....	67
3.4 MARIA DE LA LUZ CERVANTES E O CONTATO COM O LADO DE FORA.....	74
<b>Capítulo IV: FIRMINO, JOSÉ E CERVANTES: UM ENCONTRO DENTRO DAS MARIAS</b> .....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	92
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	97
<b>ANEXOS</b> .....	100

## APRESENTAÇÃO

O som de vidas, o ruído das ruas e o silêncio de um hospício. Todas estas sonoridades estão vivas aqui. É a palavra, o desabafo, a força de ser testemunhas de histórias tão densas e tão humanas, o fio de construção da presente dissertação. A voz vem através das Marias. Três mulheres densas que trazem em seus relatos a revelação da sujeição de suas vidas, seus dias e as perspectivas de um futuro sonhado por elas, menos doloroso. Elas são um recorte da existência e mesmo estando deslocadas e duas delas (com exceção da personagem fictícia) vivendo no Rio Grande do Norte, elas são universais. Estas mulheres falam a voz dos anônimos por entre anônimos que estão pela vida em silêncio, sobrevivendo ao poder soberano, à vida nua e buscando um retorno à própria existência; estão no hospício sujeitas a doses elevadas de entorpecentes ou nas ruas das cidades grandes buscando novas possibilidades. Embora sujeitas a regras distantes dos seus sonhos, elas resistem, amam, pensam, descobrem, sentem dor e prazer. Elas são aqui as testemunhas. Tecemos assim, um traço entre as testemunhas de “O que Resta de Auschwitz” e as falas das Marias. Mas não um traço de comparação e sim uma ligação possível entre histórias de resiliência. *No campo, uma das razões que podem impelir um deportado a sobreviver consiste em tornar-se uma testemunha.*<sup>1</sup>

Tudo começou na pequena sala de televisão do hospital Colônia João Machado. Entre as frestas entreabertas mostrando um cantinho de céu e as grades que dividiam os pacientes dos visitantes, encontrei Maria José que delirava entre o medo de faltar água no mundo, as notícias bombásticas da televisão e a realidade, permitiu abrir durante seis meses do ano de 2003, sua história de vida. Foi através

---

<sup>1</sup> Agamben, Giorgio. *O que Resta de Auschwitz*. Pg 25, 2008. Editora Boitempo.

de seus olhos infantis que um mundo se revelou. Como aquela mulher viveu tanto tempo – dos 18 até mais de 30 anos – interna num mesmo lugar, entregue às mãos de enfermeiros, médicos e da vontade de sua mãe? Foi dessa angústia que a pesquisa teve pulso e foi escrita com as linhas de três mulheres, todas chamadas Marias. Encontrei Maria Firmino quase três anos depois de ter conhecido Maria José. Ela que, andarilha, vaga pelas ruas do bairro da Ribeira em Natal faz das calçadas o seu lar. Diferente da realidade prisioneira de Maria José, suas grades não tem cor ou portas, são internas. Ela que sobrevive mendigando a vontade dos outros e precisa encontrar sempre um lugar “seguro” para descansar, diz não suportar mais sua realidade e por isso cria casas imaginárias para sobreviver ao vazio de sua existência.

O último encontro – mais leve e não menos denso – aconteceu com Maria de La Luz de Cervantes. Criada pelo escritor Gabriel Garcia Márquez, sua história de vida se construiu por um internamento num hospital psiquiátrico por engano. Maria mora no conto “Só Vim Telefonar” do livro “Os Doze Contos Peregrinos” e assim como as outras Marias está sujeita ao desejo de terceiros para guiar a própria história.

São nestas vidas, cheias de humanidade e vazio que a pesquisa se concentra. O material bruto vem das histórias de vida das Marias aportadas pela teoria de Giorgio Agambem, Michel Foucault, respectivamente “Poder Soberano e Vida Nua” e “A História da Loucura” e a Resiliência de Boris Cyrulnik. Estes são os nortes, as costuras, o delicado fio de ligação entre a existência e os pensamentos dessas mulheres desconstruídas e construídas como todos os seres humanos com dor, alegria, sonhos, medo e o infinito costurado sobre o peito. O caminho que seguirá esta dissertação teve como ponto de partida – como já afirmamos aqui - a

inquietação com a questão do isolamento forçado, quando fiz o trabalho final da disciplina de Teoria da Recepção, em 2003, inserida na especialização em Estudos da Mídia. A conclusão do módulo pedia como exercício uma coleta de dados etnográficos em campo. Foi quando conheci o ambulatório do Hospital Colônia João Machado, lugar de chegada de pacientes acompanhados, em sua maioria, por familiares ou conhecidos à espera de soluções para seus “ataques”. Neste dia, um rapaz de aproximadamente 18 anos havia acabado de chegar acompanhado da mãe e lançou um olhar perdido exatamente na minha direção. Ele me fez enxergar em seu semblante a angústia e o medo em estar (talvez novamente) naquela sala de recepção esperando sua vez de ser internado. Nesse momento, a vida ali aprisionada me levou a refletir sobre como estas pessoas se sentem em relação à própria exclusão forçada pelos familiares ou por alheios. Sem direito de escolha, o rapaz – que viajou por mais de duas horas da cidade de Assu até Natal amarrado no banco de trás do carro do vizinho, segundo informou a própria mãe aos enfermeiros de plantão – parecia expressar no olhar avermelhado a dor que estava sentindo em estar ali naquele lugar onde estava sendo despejado para um possível tratamento. No balcão da recepção, a mãe aflita desabafava com o atendente que se não fosse o hospital ela não saberia mais o que fazer com o filho. “*Tem dias que prefiro a morte dele a vê-lo sofrer assim, doido da cabecinha*”, disse a mãe em sussurro com o atendente e aparentando certo alívio por ter onde deixar o refugio que ela própria havia parido e criado.

Três vidas, três mulheres, três Marias. Dentro delas um universo inteiro. Dentro de cada uma delas suas histórias de vida. Ora excluídas socialmente, ora deliciosamente transgressoras dentro de um imaginário permeado por emoções à flor da pele. Elas contam por si, histórias surpreendentes de como enxergam o

mundo de onde estão. Uma em hospital psiquiátrico, a outra solitária nas ruas e uma terceira existente na literatura de Gabriel Garcia Marquez, delirando entre a lucidez e o desespero de estar presa num hospício. Quem são essas mulheres anônimas na sociedade que tem voz, gritam, berram e sobrevivem sem que sejam vistas? É o que iremos tentar descobrir nas páginas seguintes.



## Capítulo I: ENCONTROS

*Ando muito completo de vazios / Meu órgão de morrer me predomina/ Estou sem eternidade/ Não posso mais saber quando amanheço ontem/ Está rengo de mim o amanhecer/ Ouço o tamanho oblíquo de uma folha/ Atrás do ocaso fervem os insetos/ Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu destino/ Essas coisas me mudam para cisco/ A minha independência tem algemas.*

(“Os deslimites da palavra” – O Livro das Ignorâncias de Manoel de Barros)

Giorgio Agamben escreve em *Poder Soberano e Vida Nua* sobre o Homo Sacer, a figura do direito romano arcaico cuja vida é insacrificável, sagrada e, todavia, passível de ser infligida à morte. São os homens que podiam ser sacrificados sem que fosse crime matá-los. São homens com suas vidas ao refugio, sem controle de si, como num campo de concentração. Aquelas vidas no campo estão nuas, regidas pelo poder de outros homens em que a exceção é uma espécie de exclusão e suas vidas se resumem às normas alheias, e aos desejos políticos alheios. *A norma aplica-se à exceção desaplicando-se, retirando-se dela* (AGAMBEN, P. 23, 1999).

As Marias, portanto, - cada uma em sua história - estão captadas fora e não simplesmente excluídas. Elas entram no campo de concentração imaginário da pesquisa. No lugar das torturas, suas vidas estão passíveis ao desejo alheio e ao poder soberano que impera nos hospitais psiquiátricos onde Maria José e Maria de La Luz de Cervantes estão contando suas histórias, até o espaço largo e quase infinito das ruas por onde caminha, dorme, sonha e vive Maria Firmino. Elas sofrem

também torturas quando estão sujeitas às agressões da rua ou as injeções de terebintina<sup>2</sup> nas pernas que causam uma infecção dolorosa.

Assim como Agamben utiliza o *Homo Sacer* como personagem para explicar a vida nua, aqui as Marias são também Sacer. Mulheres sujeitas à morte sem que isso represente homicídio. Suas vidas são rejeitadas, amontoadas e destorcidas pelas mãos da política. Pelas mãos dos médicos, pelos remédios e pelas mãos dos passantes que estendem moedas e desaforos. Suas histórias estão regidas por forças externas aos seus corpos.

*Tudo se passa como se o poder supremo – que, é sempre vitae necisque potestas, é sempre fundado no isolamento de uma vida a que pode ser infligida a morte e insacrificável – implicasse, por uma singular simetria, a sua assunção na própria pessoa de quem o detém. (Ibidem. P.99).*

Em *A Vontade de Saber*, Michel Foucault resume o processo pelo qual, no início da Idade Moderna, a vida natural começa a ser incluída nos mecanismos dos cálculos do poder do Estado e a política se transforma em “Biopolítica” – ou seja, política que rege a vida. “Durante milênios, o homem foi sempre o que era para Aristóteles, um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal cuja política está em questão a sua vida de ser vivo. (FOUCAULT, p.127, 1972).

A partir da transformação do conceito da vida (Zoé) durante os períodos da história da humanidade, Agamben reconstrói seu olhar diante a Vida Nua a que os seres humanos estão sujeitos. Essa vida que é regida pelo poder, pela força política sobre os homens. Para explicar essa visão, Agamben retoma Foucault escrevendo

---

<sup>2</sup> Injeção que era utilizada antigamente nos hospícios, aplicada nos pacientes agressivos para que eles não andassem. A injeção deste componente no corpo causa uma inflamação por todo o órgão aplicado (geralmente nas pernas) e seu efeito perdura por mais de uma semana. Essa substância era também utilizada nas torturas dos presos políticos durante a ditadura. E causa uma dor tamanha que a pessoa é impedida de se locomover.

que no limiar da modernidade biológica de uma sociedade, situa-se no ponto em que a espécie e o indivíduo enquanto simples corpos vivos se tornam uma questão inerente a estratégias políticas

*A animalização do homem realizada através das mais sofisticadas técnicas políticas. Dá-se então o aparecimento na história, quer da multiplicação das possibilidades das ciências humanas e sociais, quer na possibilidade de proteger a vida e de autorizar que ela seja submetida ao holocausto. (AGAMBEN, p. 23, 1999)*

Para Agamben, a implicação da vida nua na esfera política constitui o núcleo originário do poder soberano. “A Biopolítica, é neste sentido, pelo menos tão antiga quanto a exceção soberana”. (AGAMBEN, p. 15, 1995). A vida nua tem, na política ocidental, este singular privilégio de ser aquilo em cuja exclusão se funda a cidade dos homens. A politização da vida nua é a missão metafísica por excelência, e o que nela está em jogo é a humanidade do homem. *A política existe porque o homem é o ser vivo que, na linguagem, separa e opõe a si a sua própria vida nua e, ao mesmo tempo, mantém com ela uma relação de exclusão inclusiva.* (Ibden, p.16).

A política nasceu para "organizar a sociedade" e teoricamente livrar os homens da disponibilidade de intempéries, da condição de "vida nua do cidadão", que é o novo corpo biopolítico da humanidade.

E a própria construção social isola, excluí e faz dos homens seres sujeitos ao poder. Nesse contexto, "Vida nua" refere-se à experiência de desproteção e ao estado de ilegalidade de quem é acuado em um terreno vago, submetido a viver em estado de exceção – algo inerente ao Ocidente, como argumenta o filósofo, desde o *Homo Sacer* condenado à banição pelo direito romano até o presídio norte-americano de Guantánamo, em Cuba, passando pelos campos de concentração nazistas e incluindo aqui as três Marias. A politização da vida para Agamben é

marca decisiva da modernidade. Num período em que a vida deixa de ser pura e passa a ser controlada.

*O caráter sagrado da vida, hoje muitas vezes invocado enquanto direito humano fundamental, por oposição ao poder soberano, exprime, pelo contrário, na origem justamente a sujeição da vida a um poder de morte, a sua irreparável exposição na relação de abandono. (AGAMBEN, p. 84, 1999)*

É essa vida exposta à morte, sagrada e insacrificável a mesma das Marias que habitam o que Agamben chama de “a zona da vida sagrada” que é também a cidade. *A relação de abandono e, de fato, tão ambígua que nada é mais difícil que livrarmo-nos dela. O que foi voltado ao bando é remetido para sua própria separação e, ao mesmo tempo, entregue à mercê de quem o abandona, simultaneamente excluído e incluído, liberto e ao mesmo tempo, capturado. (Ibidem, p. 106).*

A vida nua de Maria de Cervantes está desfeita com as mesmas vestes subjetivas de Maria José. O *Estado de Exceção* da vida das Marias é a única opção que restou a todas três. Proteção existe apenas no imaginário de cada uma delas. Seus corpos estão abertos a qualquer interferência externa. Tanto pela mão dos enfermeiros que caminham com elas pelos corredores do hospital ou estendem os remédios três vezes ao dia para que adormeçam, como pelas mãos que acenam para Maria ou a expulsam da calçada por fazer uma imagem feia às lojas do comércio da Ribeira<sup>3</sup>. Elas são varridas o tempo inteiro. Foram varridas de suas casas, das suas escolhas e por fim de suas próprias vidas.

*O que une o devoto sobrevivente, o Homo Sacer e o soberano num único paradigma, é em qualquer dos casos, nos encontramos perante uma vida nua que, separada de seu contexto e tendo sobrevivido, por assim dizer, à morte, é por isso, incompatível com o mundo humano. A vida sagrada não pode em nenhum caso habitar na cidade dos homens. (Ibidem, p. 99).*

---

<sup>3</sup> Bairro da cidade do Natal.

As vidas sagradas das Marias estão situadas na modernidade, lugar onde a vida ocupa cada vez mais claramente o centro da política estatal, como afirma Agamben. O autor descreve que a sacralidade é uma linha de fuga sempre presente na política contemporânea que se desloca para zonas cada vez mais vastas e obscuras até coincidir com a própria vida biológica dos cidadãos. *Se hoje já não existe uma figura predeterminada do homem sagrado, é, talvez, porque somos todos virtualmente hominis sacri.* (Ibidem. p. 111)

É este o fundamento de toda a pesquisa. Inserir, através das histórias de vida das Marias a teoria sobre Vida Nua de Agamben, dilacerando em palavras a realidade cortante dessas mulheres que representam também os que estão pelas ruas, pelos hospitais e pelo mundo afora. Elas que estão inseridas num processo de democracia moderna, encontram-se numa íntima contradição, quando a vida sagrada não é abolida, mas *quebra-a, dissemina-a em cada corpo singular, fazendo dela algo que está em jogo no conflito político.* (Ibidem, p. 120)

Estas vidas são também as dos judeus nos campos de concentração nazistas, sujeitas a um jogo conflituoso que permanece na história humana de uma maneira calada e sem que saibamos realmente o que ocorreu dentro de cada sujeito submetido a uma política de “limpeza” de vidas.

*Querem dar ao extermínio dos judeus uma áurea sacrificial através do termo “holocausto” é uma irresponsável cegueira historiográfica. Judeu sob o nazismo é um caso flagrante de homo sacer, no sentido de vida exposta à morte e insacrificável. Os Judeus foram exterminados como piolhos, como vida nua. O plano do extermínio não é o da religião nem o do direito, mas o da biopolítica.* (Ibidem, p. 111)

É também no plano da biopolítica que as Marias sobrevivem. Seus corpos estão aprisionados. Dopados por remédios – Maria José e Maria de Cervantes – e

pela cachaça diária – de Maria Firmino – os seus dias estão controlados como um calendário, aprisionados por instituições. Elas acordam e dormem sendo regidas pela vida que domina fora de seus corpos. No hospital são os enfermeiros e médicos quem controlam seus passos, do despertar até a hora em que elas dormem. O pensamento não tem muita utilidade. Tudo o que pensam é “dispensável” aos olhos de quem as domina. E aí, Maria Firmino também é incluída. *Quando se está na rua, ninguém nos ouve*<sup>4</sup>. Ninguém as ouve, ninguém as vê, só as controla. É o que rege suas vidas. O controle externo de seus corpos. Passar por cima das pernas de Maria Firmino é cena “natural” nas ruas da Ribeira. Sua visibilidade é quase nula e seu copo parece não existir. Mas ela tem voz, ela é testemunha de uma vida, de uma história que representa em si milhões de outras histórias vividas sob um controle social descontrolado.

*O controle da sociedade sobre os indivíduos não se efetua somente pela consciência ou pelo ideológico, mas também no corpo e com o corpo. Para a sociedade capitalista, é o biopolítico que importava antes de mais nada, a biológica, o somático, o corporal. O corpo é uma realidade biopolítica.* (FOUCAULT, p. 210, 1974)

A diferença é clara, o poder soberano é o poder sobre o indivíduo e a biopolítica é o poder sobre a sociedade. O elemento capaz de representar de uma só vez estes dois conceitos, segundo Foucault foi o racismo e mais precisamente o nazismo.

A biopolítica é o controle e adestramento da sociedade, através das diversas instituições que o indivíduo atravessava durante a sua vida (a escola, a fábrica, o hospital, a prisão, e etc.). Eram instituições que docilizavam os corpos e os tornavam aptos à produção industrial, vigente enquanto produção central nessa fase do

---

<sup>4</sup> Fala de Maria Firmino na coleta de sua narrativa.

capitalismo. Segundo Foucault (1988, p.151), as disciplinas centravam-se *no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos* (FOUCAULT, p. 151, 1988). O poder disciplinar age através desses corpos em espaços determinados, do controle do tempo sobre eles. da vigilância contínua e permanente, e da produção de saber, conhecimento, por meio dessas práticas de poder.

Se a disciplina agia sobre os indivíduos, o biopoder, segundo Foucault, agia sobre a espécie, *no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos* (Ibidem p. 152, 1988). E sobre esse corpo-espécie, o biopoder cuidava de processos como nascimentos e mortalidades, da saúde da população (doenças e epidemias, por exemplo), da longevidade, e etc. A disciplina, portanto, foi necessária na docilização do corpo produtivo fabril, a biopolítica foi também muito importante para o desenvolvimento do capitalismo, ao controlar a população e adequá-la aos processos econômicos.

Segundo Foucault *o direito que é formulado como 'de vida e morte' é, de fato, o direito de causar a morte e deixar viver* (FOUCAULT, p. 148, 1988). Na situação de poder as vidas chegam ao limite entre a vida e a morte. Nas Sociedades Disciplinares, no entanto, o poder sobre a vida não vai mais se voltar para os momentos em que ela pode ser extinta. Pelo contrário, o biopoder vai tratar de gerir a vida em toda a sua extensão, de organizá-la, majorá-la, vigiá-la, para que possa ser incluída, de forma controlada, nos aparelhos de produção capitalistas. De fato, não se trata mais de uma lei que vise a morte, trata-se de “distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade” (Ibidem, p. 157, 1988). É uma lei normalizadora, que vai se utilizar de diversos aparelhos (médicos, administrativos) para regular a vida. Mas,

esse processo que levou à vida ao objeto máximo das investidas das tecnologias do poder, também a colocou no centro das lutas contra esse poder. A vida, os direitos sobre ela, sobre o corpo, a felicidade, o ser vivo, se transformaram no foco das lutas políticas, das resistências: o que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. Pouco importa que se trate ou não de utopia: temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada para o sistema que tentava controlá-la. (Foucault, p. 158, 1988).

### **Refugio Humano**

O livro “Vidas Desperdiçadas” de Zigmunt Bauman traz a reflexão sobre os restos da humanidade, o que ele chama de “refugio humano”, como um “produto” inevitável em consequência da modernidade. “É um inescapável efeito colateral da construção da ordem e do progresso econômico” (BAUMAN, p 13, 1998).

O refugio no caso não são as vestes, nem produtos/objetos, mas pessoas que de alguma forma estão isoladas socialmente do convívio sadio, vivendo sozinhas em espaços sociais marginalizados, e quando longe dos lares seguros de uma moradia concreta, resta-lhes apenas o corpo como o único refúgio da existência. Como disse Gaston Bachelard em sua obra “A Poética do Espaço” (1978), “quando nos lembramos das casas, dos aposentos, aprendemos a morar em nós mesmos”. É nesta moradia onde a presente dissertação se concentra... na existência. No relato de vida de três mulheres que às suas maneiras convivem com a ausência de



controle de suas próprias vidas e sobrevivem como um refugio humano. Cada uma em sua singularidade traz um mundo a ser apresentado. Cada Maria foi “descartada” e “isolada” de uma maneira diferente e todas trazem em comum a tentativa de conviver com a experiência de existir socialmente do que jeito que “restou” a cada uma delas. E mesmo nesse aparente “caos”, elas conseguem encontrar refúgios para viver, sorrir e ter esperança. Suas histórias e perspectivas carregam também uma gota de esperança e o retorno à vida, como veremos durante os capítulos. Estas são as resiliências conceituadas por Boris Cyrulnik em sua obra “Autobiografia de um espantalho”<sup>5</sup>.

Poderíamos chamar as histórias que serão relatadas adiante – assim como Foucault anunciou em sua obra “A Vida dos Homens Infames” (1977) – de poemas-vidas. E cabe, talvez com ousadia, apropriar-se do pensamento de Foucault quando ele coloca que *não é uma compilação de retratos que se lerá aqui: são armadilhas, armas, gritos, gestos, atitudes, astúcias, intrigas cujas palavras foram os instrumentos*<sup>6</sup>.

Inserir a mesma pergunta lançada por Peter Pál Pelbart em sua obra “Vida Capital” permeada pelas discussões sobre a Biopolítica de Michel Foucault e a Vida Nua de Giorgio Agamben. O que significa a vida hoje? O que significa que a vida

---

<sup>5</sup> A noção de resiliência utilizada por Boris Cyrulnik remete a uma capacidade pessoal de superação que possuem alguns indivíduos com trajetórias de vida marcadas por condições as mais adversas. “É essa nossa capacidade de superar traumatismos psíquicos e as mais graves feridas emocionais: doença, luto, estupro, tortura, atentado, deportação, guerra... violências físicas e morais às quais milhões de crianças, mulheres e homens estão expostos no mundo de hoje”. O autor relata experiências de superação de indivíduos (como veremos no capítulo III), que saindo de situações limites, foram capazes de aproveitar ao máximo suas potencialidades, chegando se destacar socialmente. Apontam-se nesses casos, a necessidade de recursos pessoais, e pontos de apoio de familiares ou institucionais. Ver entrevista com Boris Cyrulnik em [www.ambafrance.org.br/abr/label/label45/sciences/page.htm](http://www.ambafrance.org.br/abr/label/label45/sciences/page.htm) (MACEDO, Bruna. *A Dimensão Ética do Cinema de Walter Salles: hospitalidade, religião e perdão*. UFRN, 2008).

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *A Vida dos Homens Infames*. 1997.

tornou-se um capital? Acrescentando-se aqui a pergunta, que vidas são essas que longe de serem referências nas propagandas publicitárias espalhadas pelas cidades ainda sobrevivem e são mulheres, mães e sonhadoras? Elas borram o social, estão ausentes das “fotografias das famílias”, mas carregam em si um discurso vivo e despertam, sobretudo, uma reflexão sobre a existência, a resistência e a resiliência do refugo humano.

O refugo humano ou os seres humanos refugados são as pessoas que estão em excesso na forma da construção da vida “moderna”, quando o capital rege o ir e vir. O refugo, o resto, está onde sobram as pessoas que não conseguiram fazer parte deste grupo. Esse que consegue sustentar a própria existência através do trabalho proporcionando a suas vidas alimento, moradia, vestes, escolhas de vida, profissão e outros aparatos.

As Marias aqui fogem dessa regência e no caso de Maria José e Cervantes, o isolamento é o que modifica suas vidas. No isolamento elas vestem as roupas que lhe oferecem, os alimentos que chegam nos pratos, dormem nas camas que sobram à noite e são controladas por enfermeiros e psiquiatras dia e noite. Maria Firmino, longe de ter uma moradia segura para abrigar-se, escolheu as ruas da Ribeira, onde está sujeita a qualquer interferência externa dos passantes, dos carros e dos donos dos comércios que a expulsa todos os dias de manhã. Sua sobrevivência depende diretamente das esmolas e das “ajudas” que são, segundo ela, cada vez mais raras.

*A expansão global da forma de vida moderna liberou e pôs em movimento quantidades enormes e crescentes de seres humanos destituídos de formas e meios de sobrevivência – até então adequados, no sentido tanto biológico quanto social/cultural dessa noção. (...) Daí os alarmes sobre a superpopulação do globo; daí também a nova centralidade dos problemas dos “imigrantes e das “pessoas em busca de asilo” para a agenda política moderna. (BAUMAN, p. 14, 1999)*

Bauman utiliza a expressão “refugo” para identificar os seres humanos destituídos dos meios comuns de sobrevivência. O autor afirma também que as causas de exclusão podem ser diferentes, mas, para aqueles situados na ponta receptora (como é o caso de Maria Firmino), os resultados parecem ser quase os mesmos.

*Confrontados pela intimidante tarefa de ganhar os meios para a sobrevivência biológica, enquanto se vêem privados da autoconfiança e da auto-estima necessárias para a sustentação da sobrevivência social, eles não tem motivo para contemplar e saborear as distinções sutis entre o sofrimento planejado e a miséria por descuido. (Ibidem, p. 54).*

Para o autor, esses seres marginalizados que se alimentam do corpo social e experimentam a miséria em seu sentido literal, como é o caso de Maria Firmino – e que ele chama também de “pessoas supérfluas” – estão numa situação onde é impossível ganhar. Bauman utiliza a expressão acrescentando que os supérfluos fazem parte de um corpo estranho na sociedade e um “*tumor canceroso que corrói os tecidos sociais saudáveis*” (Ibidem, p.55).

O que modifica esse olhar da vida de Maria Firmino ser como um câncer para a sociedade é seu discurso, seu relato, suas impressões sobre a vida. Sua sobrevivência é ser testemunha. Mesmo ela suja, sem sapatos, pedindo esmolas nas ruas, seu olhar intenso acompanhado de frases inteligentes faz despertar a idéia de que o refugo pode ser o próprio refúgio da existência. Mesmo sofrendo, sentindo dor, solidão e desamparo, Maria consegue enxergar na vida algo de delicioso. É nesse ponto delicado das Marias que iremos tentar tocar durante as páginas seguintes. Em meio aos conceitos e aos refugos, registraremos aqui, um pouco da humanidade e a liberdade do pensamento de cada uma delas.

Para ampliar a discussão entraremos no conceito de biopolítica na visão de Peter Pál Pelbart, apontando o conceito de vida dentro desse universo.

*O termo “biopolítica” foi forjado por Foucault para designar uma das modalidades de exercício do poder sobre a vida, vigentes desde o século XVIII. Centrada prioritariamente nos mecanismos do ser vivo e nos processos biológicos, a biopolítica tem por objeto a população, isto é, uma massa global afetada por processos de conjunto. Biopolítica designa pois essa entrada do corpo e da vida, bem como de seus mecanismos, no domínio dos caçulos explícitos do poder, fazendo do poder-saber um agente de transformação da vida humana (...) Com ela, a biopolítica deixa de ser prioritariamente a perspectiva do poder e de sua racionalidade refletida tendo por objeto passivo o corpo da população e suas condições de reprodução, sua vida. A própria noção de vida deixa de ser definida apenas a partir dos processos biológicos que afetam a população. (PELBART, p.24, 2003)*

O conceito de vida permeado pelo fio da biopolítica inclui, segundo o próprio autor citado, a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto de produção material e imaterial contemporânea. É o chamado “corpo sem órgãos” produzido pela massa social conduzido por uma energia orgânica.

*É o que vemos operando na manipulação genética, mas no limite também no modo como são tratados os prisioneiros da Al Qaeda em Guantánamo, ou os adolescentes infratores nas instituições de “reeducação” Em São Paulo. Mas os atos de auto-imolação de choque e das câmeras de televisão, parecem ser a tentativa de reversão a partir desse “mínimo” que lhes resta, o corpo nu, e apontam numa outra direção. (Ibidem, p.25)*

A outra direção estará refletida nas anotações dos pensamentos das Marias envolvidos com os pensamentos dos teóricos já citados. *Agamben sustenta que o poder sempre fundou-se sobre essa cisão entre o fato da vida e as formas de vida, ao isolar algo como a “vida nua”, objeto a um só tempo de exclusão, submetida ao soberano e ao seu arbítrio. (Ibidem, p. 60)*

A exclusão experimentada pelas Marias em suas histórias de vida traz nas entrelinhas o estado de urgência vivido pelos oprimidos que segundo Agamben, o

poder tem o interesse em manter e explorar, para justificar-se. “Mas ao mesmo tempo a vida nua, que desde sempre foi o fundamento oculto da soberania, tornou-se norma, e é precisamente o que merece ser pensado”. (PELBART, p.61, 2003)

O ambiente da vida contemporâneo respira os problemas do refugio humano e da remoção do lixo humano. Os excluídos do processo social “comum” são considerados por Bauman um ato de auto-suspensão, já que a lei limita o seu cuidado com os marginalizados socialmente. *Isso significa que a lei limita sua preocupação com o marginalizado/excluído para mantê-lo fora do domínio governado pela norma que ela mesma circunscreveu. A lei atua sobre essa preocupação proclamando que o excluído não é assunto seu* (Ibidem, p. 43)

A exclusão e a maneira como as Marias são tratadas diariamente são afirmativas diretas desse pensamento. Nos escritos de Agamben, o modelo ideal-típico de pessoa excluída, é oferecido pelo Homo Sacer. Em sua visão, vida de um Homo Sacer é desprovida de valor, seja na perspectiva humana ou na divina”. *Matar um Homo Sacer não é um delito passível de punição, mas sua vida não pode ser tirada num sacrifício religioso. Privada da significação humana e divina que só a lei pode conferir, a vida do Homo Sacer é inútil.*<sup>7</sup>

Essa inutilidade se aplica ao cotidiano das três Marias, as quais não produzem nada material para aquecer o corpo social. Como Cervantes e José estão isoladas, sua “mão-de-obra” é inexistente, inválida. E o mesmo acontece com Maria Firmino. A impossibilidade do trabalho devido a uma trombose que comprometeu metade de seu corpo aponta para a invalidez ou inutilidade de sua vida. Ela que acorda e dorme nas ruas, está excluída da participação produtiva na sociedade. Além de suas dores, suas alegrias e suas angústias, elas não contribuem

---

<sup>7</sup> Agamben, p. 45, 1995. O Poder Soberano e a Vida Nua.

praticamente para a sociedade caminhar, por isso elas são supérfluas aos olhos da economia, da política e do social. Elas estão na mesma situação dos loucos internos nos hospícios no século XVI citados na “História da Loucura” de Michel Foucault. *Esses loucos são alojados e mantidos pelo orçamento da cidade, mas não tratados: são pura e simplesmente jogados na prisão*<sup>8</sup>.

Mesmo diante dessa informação, Maria “Calça Suja” e Maria José, alimentam diariamente o sonho de ter um lugar para morar e sabem que para isso necessitam antes de uma verba, um emprego. Muitas vezes deprimidas pela maneira como são tratadas e o medo de não assegurarem um futuro diferente do vivido nos dias atuais, as Marias se lançam ao imaginário, o que as confunde com loucas ou qualquer outro tipo de classificação para explicar a exclusão que sofrem. No caso da Maria Firmino foi percebido durante os dias da pesquisa de campo, que os passantes costumavam a chamá-la de “doidinha” e “vagabunda”.\_ Esses adjetivos são comuns no cotidiano de Maria, como ela mesma conta. Os passantes costumam também dizer que ela não gosta de trabalhar e que se desse uma “lavagem de roupa” ela não aceitaria. Mas a realidade de Maria esconde uma trombose que paralisou todo seu lado direito, inclusive atrofiando a mão e a freqüência com ela tem convulsões devido a um problema de epilepsia. O desejo impossível pela conquista de um trabalho a deixa triste e infeliz. Ou como ela mesma diz, deprimida. Algo parte dela que não tem explicação, causando uma raiva interior que a faz agredir parte das pessoas que caminham próximo a ela. Com a ausência de participação econômica na sociedade, Maria Firmino e Maria José são automaticamente isoladas de toda a roda que gira uma sociedade. Seus pensamentos, idéias e palavras perdem o valor exatamente aí

---

<sup>8</sup> Foucault, p. 11, 1972. História da Loucura.

e se transformam em anônimas por entre anônimos, seres invisíveis, porém com sensações e relatos ricos de vida.

A busca pelo emprego na visão de Maria “Calça Suja” é parecida com a de Maria José. Ela se encontra entre os reflexos das latinhas de cerveja e refrigerantes e seus incontáveis dias de esmola. A não esmola a ofende. E seu choro acontece todas as tardes quando está perto de escurecer. “Tenho medo da noite. Todas as noites são dolorosas. Pode aparecer alguém e me matar. Não existe dignidade nas ruas, sabia?” A pergunta angustiada de Maria é a certeza de uma resposta positiva que alfineta suas andanças. Como na profunda reflexão de Bauman em “Vidas Desperdiçadas”, reafirmada aqui.

Na tentativa de exemplificar o que é descartável socialmente, o autor cita Michelangelo, quando o artista contava que era simples esculpir. “É simples. É só você pegar um bloco de mármore e cortar os pedaços supérfluos” (BAUMAN, 31). Na seqüência dessa analogia/pensamento, Bauman descreve a necessidade da existência dos refugos na vida para que se separe o que realmente importa socialmente. Nessa construção que à primeira vista pode parecer bruta, o autor disserta sobre a necessidade da existência do lixo para a produção. E assim compara seres humanos a uma carga infinita de pesos e medidas na vida.

*O refugo é o segredo sombrio e vergonhoso de toda produção. De preferência permaneceria como segredo. (...) Quando se trata de projetar as formas de convívio humano, o refugo são seres humanos. Alguns não se ajustam à forma projetada nem podem ser ajustados a ela, ou sua pureza é adulterada, e sua transparência, turva: os monstros e mutantes de Kafka, como o indefinível Odradek ou o cruzamento de gato com ovelha – singularidades, vilões, híbridos que desmascaram categorias supostamente inclusivas/exclusivas (BAUMAN, p. 42, 2005)*

## Capítulo II: A VIDA NUA DAS MARIAS

A primeira a ser apresentada é Maria Firmino, apelidada na rua de Maria “Calça Suja”. Ela dorme embaixo da marquise de um prédio abandonado no bairro da Ribeira em Natal, Rio Grande do Norte. Ela acorda e no lugar do leite prefere cachaça. Sobrevive de esmolas e em cada dia ela escolhe uma esquina diferente da Ribeira para retirar o seu sustento. Seu lucro diário é de R\$ 5 até R\$ 10 reais divididos entre a bebida e algum alimento ingerido durante o dia. Suas perspectivas de futuro estão na Assembléia de Deus localizada na última esquina da Rua Duque de Caxias, próximo ao Teatro Alberto Maranhão, lugar onde Maria geralmente escolhe para pedir dinheiro. Ela oferece ao pastor a maior parte de seu dinheiro e isso proporciona um futuro imaginário no céu que ela mesma criou. Maria não sabe quando nasceu, mas lembrou que em 1960 tinha seus 18 anos. Calcula-se que esteja com 66 anos, embora aparente ser dez anos mais velha. Faz muito tempo que saiu de casa, tinha uns 14 anos e nunca mais voltou. Seu pai batia nela e sua mãe morreu quando ainda era bebê, ela não lembra do rosto de sua mãe. E nas tentativas de lembrar, o choro vem compulsivamente. *É ruim não lembrar dela.* A embriaguez é a saída diária de uma vida sem marquise, sem roupa e sem perspectiva. Suas vestes são poucas. Uma bermuda marrom e uma blusa amarelada, rasgada, que esconde seu corpo. O rosto sempre sujo e os cabelos emaranhados com a poeira da rua, cumpridos, são parte de seu refugio nas noites frias. Ela diz que nunca fez as unhas, por isso róí. Ela não gosta de sapatos, prefere chinelos e não lembra qual foi a última vez que calçou um salto alto. Em sua cidade Santa Cruz, - interior do Rio Grande do Norte – as pessoas não gostam mais dela. Isso é o que ela diz. Maria é mãe de uma mulher de trinta e cinco anos chamada



Juliana que só aparece para vê-la e ofender a mãe por estar em estado deplorável. Com vergonha de dizer que é filha, Juliana sempre mente para as pessoas em volta dizendo que aquela mulher é uma conhecida que ela ajuda de vez enquanto. *Ela tem medo do lixo que eu sou. E ela esquece que foi esse lixo que gerou ela*, repete Maria quase sempre com a voz embargada. Maria diz não suportar a visita da filha, por devolver a ela o peso de existir.

Durante os seis meses de observação pelas ruas da Ribeira (maio a novembro de 2008), os motoristas de táxi entrevistados deram como referência que Maria foi uma das primeiras meninas da vida das Rocas. Segundo o motorista mais antigo do jornal Tribuna do Norte, Maria era linda e todos a desejavam. Hoje todos desejam correr dela. Inclusive as crianças que passam por ali. A sujeira dela afasta o mundo e ela é convicta em dizer: *aqui não é lugar digno de ninguém. Aqui a gente está sujeito a qualquer coisa, senão a tudo*. E ela reside em si. Assiste-se e é assistida pela médica do Posto de Natal que fica próximo da marquise onde dorme. Dra. Verônica <sup>9</sup>, a médica de plantão das quintas-feiras, costuma examiná-la. Ela tem epilepsia e desmaia de vez enquanto. *É quando eu não suporto mais meu peso*. Maria não tem outro sobrenome além de calça suja, Maria “Mijada” ou Maria Macho. Seus adjetivos mais próximos são sempre os que não a deixam feliz. *Não gosto mesmo quando as pessoas me ofendem. Tenho um ódio dentro de mim que faz com que eu tenha raiva de todo mundo*. E seu berro ecoa pelo bairro da Ribeira, onde todos a conhecem. Do vendedor de discos piratas até o homem do bar mais antigo do bairro que diz sempre “Maria não tem mais jeito. Qualquer dia ela acorda morta de tanta cachaça. Aqui mesmo eu não vendo mais para ela”. E ela não liga repetindo que tem pena deles.

---

<sup>9</sup> Dra Verônica é a médica citada por Maria Firmino.

Em todo esse tempo o que mais incomoda Maria em morar nas ruas é a forma como ela é tratada pelas pessoas. Diz ela que poucos são os que se preocupam em dar bom dia e segundo seus relatos, a maioria não a percebe. *As pessoas passam por mim e não me enxergam. Será que sou mesmo de verdade?* Essa é uma pergunta freqüente de Maria durante o dia. Ela costuma afirmar que as pessoas não estão entendendo que o mundo está mudado.

*A vida não é essa agonia que está aí não. É muito longe disso. As pessoas hoje não tem mais cuidado uma com as outras. Eu sinto isso. Por isso é que sou respeitada pelos médicos toda vez que sou internada, por ser educada e dar atenção às pessoas. Hoje as pessoas estão tão envolvidas com seus próprios problemas que se esquecem de dar bom dia. Acho isso triste.*

Entre filosofias e reflexões, Maria conta que seu maior sonho é alugar um quartinho e ter sua dignidade. E, segundo ela, sua sobrevivência nas ruas depende muito desse sonho, é o seu refúgio.

A outra Maria que traremos para a dissertação é Maria José. Ela sofre de problemas psíquicos, diagnosticado na ficha de internação como Esquizofrenia. Interna no Hospital Colônia João Machado, localizado em Natal-Rio Grande do Norte, por seis vezes, sendo a última em 2003, Maria é chamada carinhosamente de Mariazinha, devido a seu tamanho pequeno e ao seu jeito menina de ser. Seus cabelos lisinhos são presos por broches de criança, que a deixam com um ar infantil.

Sua história de internação e confinamento nos hospitais psiquiátricos começou logo depois que ela sofreu um aborto aos 14 anos de idade. Sua mãe não admitiu a realidade e obrigou a menina a “se desfazer da criança”. Logo depois, Maria começou a desenvolver uma depressão que foi se agravando e a retirando do convívio natural com as outras pessoas, inclusive impossibilitando Maria de frequentar a escola.

Como a menina começou a ter surtos psicóticos e ser agressiva com as pessoas, sua família não admitia a existência de uma filha “louca”, de comportamento duvidoso e internou Maria aos 18 anos no Hospital Colônia João Machado. O sonho de vida de Maria, desde criança, era o de se tornar professora, o que nunca aconteceu por ela não ter conseguido sair do Ensino Fundamental. Segundo Maria seu sonho de vida começou a morrer ali, quando ela não conseguia mais desligar sua imagem da loucura. “Quando percebi que não podia mais sair dessa vida. Vim brincar de escolinha aqui mesmo no hospital. É muito triste essas pessoas todas sem uma escola”, dizia Maria na sala de Terapia Ocupacional do Hospital ainda no ano de 2003.

Além de levar um estojo com lápis escolares e tentar ensinar seus colegas de confinamento um pouco sobre a vida (a que ela acreditava), ela tinha também a mania de carregar garrafinhas de água dentro de sacolas plásticas. Maria sentia um medo que a deixava angustiada diariamente, o de faltar água no mundo. “Isso para mim seria o fim”, repetia com frequência.

Observando seus hábitos noturnos e vespertinos e suas impressões sobre a vida, percebe-se que Maria se sentia feliz em dois lugares, na sala de televisão e na sala de artes da Terapia Ocupacional. Era nas salas desse corredor que separava

os pacientes do dormitório, onde Maria gostava de se distrair. Ela sentia pena das pessoas que estavam internas por lá e dizia repetidas vezes que ali não era lugar para gente. “Não sei por que eu estou aqui. Eu sou uma professora”, costumava afirma-se.

No dia-a-dia de Maria, tantas outras mulheres que perderam seus filhos e encontrava-se em estado depressivo crônico eram confundidas com outras mulheres consideradas alcoólatras ou dependentes de substâncias químicas, o que deixava Maria muito irritada. Para ela, os dependentes químicos eram agressivos.

Durante os meses de convívio, Maria sentia necessidade de dialogar e contar sua angústia. Os dias de visita eram categoricamente às quintas-feiras e aos domingos, mas nenhum parente de Maria ia visitá-la. Isso a entristecia. A visita, para ela, era uma maneira de amenizar a saudade de sua família.

Consciente do isolamento, o que mais a incomodava eram os momentos do banho, a hora de dormir e as grades, presentes até hoje na estrutura do hospital. A prisão física e a prisão do seu corpo eram visíveis. No hospital, os horários rígidos dos remédios e do sono não permitiam aos internos momentos de autonomia sobre seus passos. Tudo era controlado e vigiado pelos enfermeiros de plantão e pelos poucos médicos do lugar. Maria era obrigada a ingerir três comprimidos antidepressivos por dia, um após cada refeição, os quais a deixava quase sempre sonolenta e com dificuldade para articular as palavras devido ao relaxamento.

Hoje, seis anos depois, a pesquisadora retornou ao Hospital Colônia João Machado e não encontrou Maria. Procurando pelo nome de registro Maria José Cunha, sua última internação aconteceu no mesmo ano em que estive no hospital, em 2003.

A terceira Maria que caminha pela dissertação é personagem do conto “*Só Vim Telefonar*”, da obra “*Os Doze Contos Peregrinos*” do escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez. Maria de La Luz Cervantes foi interna num hospital psiquiátrico por acaso, quando numa viagem até Barcelona seu carro quebra e a opção de socorro chega através de um ônibus repleto de mulheres sonolentas enroladas em cobertores que estavam sendo levadas para um hospício. A carona, que seria uma maneira de tentar solucionar o seu problema através de um telefonema se transforma numa aventura amarga experimentada por Maria ao ser confundida com as pacientes daquele hospital.

*Numa tarde de chuvas primaveris, quando viajava sozinha para Barcelona dirigindo um automóvel alugado, Maria de La Luz Cervantes sofreu uma pane no deserto dos Monegros. Era uma mexicana de 27 anos, bonita e séria, que anos antes tivera certo nome como atriz de variedades. Estava casada com um prestidigitador de salão, com quem ia se reunir naquele dia após visitar alguns parentes em Saragoça. Depois de uma hora de sinais desesperados aos automóveis e caminhões que passavam direto pela tormenta, o chofer de um ônibus destrambelhado compadeceu-se dela. Mas avisou que não ia muito longe. (MARQUEZ, p. 103, 1992)*

A confusão que Maria imaginava conseguir contornar vira um pesadelo em sua história e sua vida se transporta em um único número de registro, que é imediatamente costurado em seu sutiã. Seu diagnóstico médico: agitada. Essa é a palavra passaporte para a loucura e o isolamento que perdurará meses a fio. Com o passar do tempo, ela perde o vínculo com sua história. Sem conseguir telefonar para o marido ou para qualquer pessoa próxima, Maria perde o fio de sua trajetória tendo em troca o isolamento social e o aprisionamento de seu corpo. Tudo o que ela tenta contar para as enfermeiras e para os médicos são anotados e ouvidos como bobagens e sua autonomia e sua voz aos poucos se cala, como acontece com muitos pacientes internos ou não nos hospitais da vida.

*Alguma coisa aconteceu então na mente de Maria que a fez entender por que as mulheres do ônibus moviam-se como no fundo de um aquário. Na realidade, estavam apaziguadas com sedantes, e aquele palácio em sombras, com grossos muros de pedra e escadarias geladas, era na realidade um hospital de enfermas mentais. Assustada, escapou correndo do dormitório, e antes de chegar ao portão uma guarda gigantesca com um macacão de mecânico agarrou-a com um golpe de tigre e imobilizou-a no chão com uma chave mestra. Maria olhou-a de viés paralisada de terror. - Pelo amor de Deus - disse. - Juro pela minha mãe morta que só vim telefonar. (Ibidem, 112)*

Sua necessidade em telefonar virou uma obsessão aos olhos das enfermeiras. A angustia de obter algum contato com sua “vida normal” e poder desfazer o equívoco foi dando espaço ao medo de não conseguir sair nunca mais daquele lugar. O primeiro contato com seu marido aconteceu meses depois do confinamento, que a ignorou completamente dizendo não acreditar em sua história. É esse o instante onde Maria começa a perder a dignidade, a coragem e a esperança, vendo no isolamento sua história ser diluída entre as celas e o novo cotidiano. *O mais duro era a solidão das noites. Muitas reclusas permaneciam despertas na penumbra, como ela, mas sem se atrever a nada, pois a vigilante noturna velava também no portão fechado com corrente e cadeado. (MARQUEZ, p. 117, 1992)*

A escolha pelas Marias aconteceu devido às aproximações de suas histórias, que além do nome em comum, convivem com a marginalização de suas vidas. Elas sobram, incomodam, estão isoladas e mesmo assim buscam tentativas de transcender a essa realidade.

## Maria Firmino

### 2.1. OS DIAS E NOITES DAS MARIAS

Para Maria Firmino a vida é um dia qualquer. “...*desses que a gente não sente falta. Eu sinto assim. Viver não é tão simples. Já passei por tanta coisa até me abandonar aqui nessas calçadas*”, disse ela enquanto tomava um copo de água. Seus dias e suas noites são vividos caminhando ou se acomodando embaixo das marquises das lojas da Avenida Duque de Caxias, no bairro da Ribeira. Sua distração é olhar os sapatos das pessoas que transitam em sua frente. *Fico me imaginando como estivesse na janela da minha casa. Só olhando o movimento. Gosto muito de ver a cor dos sapatos, isso me faz feliz por alguns instantes. Depois dos sapatos, a gente vê cada coisa aqui... (risada) que você nem queira saber.* “As coisas” vistas por Maria, as quais ela foi rememorando durante os meses de conversa daria para escrever um livro de histórias. Assaltos, brigas, xingamentos, noites de desespero, são os relatos mais freqüentes.

Maria Firmino escolheu a rua devido a diversos acontecimentos que a fizeram perder os destinos escolhidos enquanto criança. Abandonada desde pequena pelo pai e órfã de mãe, restou a ela escolhas como encontrar abrigo em uma das “casas da vida” (prostíbulos) existentes no bairro das Rocas em 1968. Com poucas opções de ganhar dinheiro e sustentar-se Maria Firmino encontrou nas casas noturnas uma fonte de alimentação e refúgio de sua própria história. “Eu fui sim pro puteiro. Lá eu me sentia querida, acolhida como nunca fui”, disse Maria escondendo o rosto dizendo sentir vergonha de seu passado, com um sorriso nervoso no canto dos lábios.

As casas da vida a levaram a entender melhor o mundo e os homens. Ela retrata que mesmo sendo uma vida difícil onde precisava lidar com diferentes situações, estar trabalhando por aquelas casas seria mais digno do que a vida que ela tem hoje. *Hoje cheguei ao fim do mundo. É assim que me sinto. Quem não sabe o que é o final dos tempos, pode experimentar aqui comigo, sentando nesta calçada e recebendo os insultos e os problemas dos outros. Tem horas que para ficar mais feliz me lembro de quando era puta. De como era bom.*

Hoje Maria tem relações sexuais, segundo ela, com um só homem. Ele é Severino S.D. Sua profissão é catar latinhas pelas ruas e festas, um sustento que cabia aos dois. Maria e Severino eram companheiros nas noites de frio e também nas noites difíceis em que os policiais ou passantes costumam perturbá-los. Eles viveram juntos por seis anos, até o início de 2009, quando Maria encontrou Severino tendo relações sexuais com outro homem, um bêbado que passava diariamente pela Ribeira. Desde esse dia, Maria ficou sozinha e não consegue se sustentar. Ela, que também catava latinhas, tem como costume beber tanto que não consegue mais trabalhar. *Encher a cara é uma maneira de viver. Não suporto mais isso aqui. Pelo menos bêbada, eu não sinto meu corpo, que é pesado feito chumbo,* disse ela numa tarde de fevereiro, pouco antes do carnaval.

Entre os dias da pesquisa, que durou um ano, de fevereiro de 2008 até fevereiro de 2009, Maria desapareceu por diversas vezes, quando era internada ora no hospital Giselda Trigueiro (com problemas no fígado), ora no Walfredo Gurgel, quando tinha ataques de epilepsia e precisava ser internada de urgência ao bater com seu rosto no chão.



Sua pele marcada de cortes e manchas arroxeadas são os mapas de experiências dolorosas. Seus olhos quase sempre tristes costumam chorar diariamente. *Choro por não agüentar mais essa vida. Isso aqui não é para ninguém. É a coisa mais doída que se pode existir. Tenho nojo de morar assim, sem nada, sem ninguém, sem amizade. Só posso contar com minha própria força e coragem de amar o mundo.*

Quando perguntamos o que Maria sonha durante as noites ou os dias, ela diz que é o aluguel de um quartinho, projeção nunca alcançada durante todos esses quase 40 anos de moradia na rua. Suja e com um cheiro forte de urina ela diz tomar banho no chuveiro do Teatro Alberto Maranhão, ato descrito como raro pelos funcionários do lugar. Suas roupas surradas e doadas por passantes ficam escondidas nos fundos do Teatro com medo de que outras pessoas roubem. *É um costume isso acontecer. Todo mundo gosta de levar as roupas dos outros. O triste é que levam por maldade mesmo. Eles nem usam. Levam para me ver chorando. Dá é nojo, dá é raiva, quero matar um dia um desses idiotas, nojentos, sem futuro e sem coração que me roubam. Já não tenho porra nenhuma e ainda me roubam. Dá vontade de matar.*

Observando Maria Firmino sentada na calçada na Avenida Duque de Caxias, no bairro da Ribeira em Natal, é abrir espaço para a comparação de sua existência com o vazio. Jogada pelas calçadas e sempre suja, sua imagem incomoda. Em um dos dias de observação dos passantes em relação à Maria, algumas anotações foram possíveis. Meninos de um colégio próximo à rua citada, passaram xingando Maria de “mijona” e “feiosa”, enquanto ela se revirava tocando suas vestes furadas. A atitude dos meninos se repete por dias e horas seguintes. Um exemplo foi quando um grupo de aproximadamente seis meninas passou por cima de suas pernas.

*Corre atrás da gente Maria, vem. Vem pegar a gente! Gritavam pelas ruas, até que Maria embriagada e sem conseguir se levantar devido a sua trombose devolvia com raiva o insulto em forma de brincadeira. Vocês não tem mãe não é meninas? Tenham vergonha nessa cara de rapariga de vocês e me deixem em paz. Gritava Maria desesperadamente.*

Por incontáveis vezes Maria é agredida nas ruas. Poucas são as pessoas que oferecem o contrário. Até os que trabalham na rua já brincam com Maria de maneira nociva, criando apelidos e mexendo em seus pertences. À vista destes passantes, Maria é o próprio refugo, o lixo, quem deve sair da rua por atrapalhar a passagem. Sua imagem “suja” a cidade e é um problema para os dias em que os políticos precisam passar pelo local, como o dia em que a governadora do estado do Rio Grande do Norte, Wilma de Faria chegou ao Teatro Alberto Maranhão para um concerto da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte e a própria Maria descreveu o encontro. *Ela fingiu que eu não existia. O povo de preto que estava com ela veio logo me retirar e colocar atrás do Teatro, como se eu fosse um lixo qualquer. Tive tanta raiva que minha vontade era entrar gritando pelo Teatro.*

Esse fingir a inexistência dos que estão desprotegidos é próprio de um sistema maquiador. O refugo precisa ser removido urgente da vista dos políticos e das pessoas da alta e média sociedade. Eles não fazem parte da beleza dos comerciais de televisão, nem tão pouco da vida em que muitos sonham para si. *Nesse dia do teatro, vieram dois seguranças me tirar da porta do teatro. Ora, se eu sempre durmo ali e essa danada dessa governadora nunca aparece aqui, quem tem mais direito dessa porcaria desse teatro?* Perguntava Maria contando a chateação que sofreu ao ser insultada por sujar a imagem do Teatro Alberto Maranhão na frente da governadora.

Esse dia foi tão marcante para Maria que ela não consegue esquecer e repetiu diariamente o episódio como novidade. *Dá é raiva viu. Só porque sou assim, sujinha, eles tem nojo, só pode. Quero ver o dia que eu tiver meu cantinho e aparecer toda cheirosinha para ver uma peça, vai ser lindo, eles vão ver.*

*Os refugiados o refugio humano da terra de fronteira global, são os “forasteiros personificados”, os forasteiros absolutos, forasteiros em toda a parte e em todo canto deslocados – exceto nos lugares que são, eles próprios, deslocados: os “lugares nenhures” que não aparecem em qualquer dos mapas utilizados pelas pessoas comuns em suas viagens. Uma vez de fora, indefinidamente de fora, uma cerca segura com torres de vigia é o único mecanismo necessário para fazer com que a “indefinitude” do deslocado se sustente pela eternidade. (BAUMAN, p. 101, 2005)*

Como disse Agamben, na versão atual o *Homo Sacer* não é definido por um conjunto de leis positivas nem portador dos direitos humanos que precedem as normas jurídicas. *O Homo Sacer é a principal categoria de refugio humano estabelecido no curso da moderna produção de domínios soberanos ordeiros*<sup>10</sup>. O refugio humano precisa estar escondido da sociedade. Quem está fora das molas se assemelha aos parafusos perdidos das máquinas que vão se perdendo também na poeira da fábrica da ordem. Quem está fora de todo este processo precisa se adaptar a uma realidade que expulsa não só o corpo como a vida inteira, os desejos, a história e os sentimentos.

As Marias aqui estão excluídas desse sistema e suas vidas estão capturadas, como num campo de concentração. Nas ruas elas podem ser qualquer coisa, inclusive um número estatístico que começa a subir a cada dia devido a inúmeros fatores e descuidos sociais. O abandono configura-se às pessoas que moram nas ruas e não tem casa, roupa e principalmente trabalho para o sustento de suas necessidades básicas.

---

<sup>10</sup> AGAMBEN, p. 34,

## Maria José

Aos 14 anos de idade, Maria José, conhecida carinhosamente como Mariazinha, engravidou de seu primeiro namorado. Ela conta que ao saber da gravidez, seus pais obrigaram um aborto urgente e fatídico. Desde esse dia, Maria descreve sua sensação como se algo tivesse desconstruído dentro dela e nunca mais refeito. Interna por seis vezes – entre idas e vindas – no Hospital Colônia João Machado, em Natal –RN, sua vida nunca voltou ao “normal”. Segundo ela mesma, o normal seria um convívio sadio com as pessoas que gosta. *Aqui no hospital precisei aprender a viver de novo. Me sinto abandonada.* O abandono é uma palavra e uma percepção freqüente da maior parte dos pacientes que são “despejados” pelos seus parentes. Como uma redoma que a separa da vida real, Maria dizia sentir medo de estar naquele lugar, segundo ela, “sujo e maltratado”. *Não nasci para viver aqui. Minha vida no interior é boa. Minha casa com minha mãe é boa e aqui eu não posso nem fazer meu café,* disse ela certa vez ao lembrar das coisas que mais sentia falta.

Além do café, Maria também sentia falta de seus amigos de infância e dos bonecos que ela dizia ter em sua cama. *Não trouxeram nenhum pra cá pra escolinha. Eles conversavam tanto comigo.* Os bonecos, segundo dizia, a ajudavam a entender melhor a tristeza profunda que sentia no peito. Eles eram os únicos que não falavam mal de Maria.

A escolinha era uma maneira carinhosa de chamar a sala de Terapia Ocupacional do hospital. Com mesinhas e cadeiras coloridas e tendo em volta materiais de arte para uso dos pacientes, Maria gostava de distribuir os papéis e ajudar a terapeuta, considerada por ela uma “grande professora”. Seu sonho de ser professora ainda continuava vivo em 2003, última vez que foi internada na Colônia.

E talvez seja a maneira dela escoar a realidade que estaria vivendo. Com poucos recursos para escolher o que ela iria comer ou mesmo se divertir, ela aproveitava suas manhãs para assistir os programas de televisão numa pequena sala de TV do hospital que ficava ao lado da sala de Terapia Ocupacional. Os canais que ela mais gostava eram os de telejornalismo que falavam do mundo real. *Aqui posso ver como é a vida de verdade*, costumava comentar. Algumas matérias do telejornal a deixava tão impressionada que ela precisava se preparar de alguma maneira para combater aquele problema que viria. A notícia que mais afetou sua vida foi de que a água no planeta poderia acabar um dia. Desde que soube disso, Maria tratou de manter ao seu lado uma garrafa de água caso começasse a faltar de dentro do hospital. Os próprios pacientes brincavam com ela e alguns em momentos de diversão tiravam a garrafinha de suas mãos, brincadeira que a deixava profundamente chateada. Para ela, a perda da garrafa era como perder a própria vida. E como os pacientes tinham um pouco de noção disso, eles gastavam horas do dia se preocupando em angustiar Maria. E ao contrário de divertir-se isso tinha um efeito ruim dentro dela. Era quando um choro incontrolável a tomava e os enfermeiros a levavam para tomar uma medicação mais forte até que ela pudesse adormecer. Isso acontecia com frequência até que ela passou a esconder sua garrafinha em sacolas de plástico o que permitiu uma segurança maior de sua existência. A sacola representava para ela um abrigo do perigo que lhe causavam retirando seu único meio de sobreviver caso o mundo não tivesse mais água. Essa era a sua preocupação diária e tomava seus dias e noites no hospital.

*Não se pode mais ter paz nesse hospital. Aqui as pessoas são muito nervosas. Eu noto isso diariamente como uma pessoa sã que sou. Não gosto de gente doida*

*assim, me dá é medo. Eles gostam de brincar com minha cara porque sabem que sou a professora deles. Isso é triste demais gente! Como ninguém nota que o mundo está assim, todo dividido por essas pessoas doidas e outras que não são? Eu graças a Deus não sou, mas minha mãe não sabe. Um dia eu acredito que ela vai saber e me tirar daqui de uma vez por todas. Eu não suporto mais viver nessa agonia toda de ter que esconder o que eu mais gosto na vida para poder sobreviver. Eles me tiram a água, os bonecos e tudo o que tenho. Tá vendo aquela moça ali? (apontando para uma das pacientes mais antigas do hospital) Tiraram dela até o bebezinho que ela teve. Isso é muito triste. É essa a palavra, é triste demais minha gente!*

A paciente que Maria se refere é Claudina<sup>11</sup>. Interna há 20 anos no Hospital Colônia João Machado, ela foi violentada dentro do hospital e teve um bebê quando tinha 29 anos. A criança nasceu e foi doada para um abrigo em Natal e a paciente nunca teve direito de ver a criança crescer. Maria conta a relação que tem com Claudina e a dor que ela sente ao saber de toda a história.

*Mesmo ela sendo essa menina grande, porque tem cabeça de criança, minha amiga sofre. Ela chora quando lembra da bebê e eu empresto minhas bonecas para ela se acalmar. Isso o mundo não vê, entende? Parece que é tudo uma brincadeira e que minha amiga não sofre por ter essa voz de criancinha. Dá pena viu, dá pena até chorar. Mas eu acredito muito em Deus. É ele quem vai castigar todo mundo que fez*

---

<sup>11</sup> Claudina é o nome fictício de uma das pacientes mais antigas do Hospital Colônia João Machado. Ela foi internada com 19 anos e hoje em dia (2009) ela continua no local. Com mentalidade semelhante a uma criança de cinco anos de idade, Claudina tem hoje 39 anos e teve um filho dentro do hospital. A criança nasceu e foi doada para um abrigo.

*ela sofrer. Eu disse a ela que a menina estava bem, que ela não se preocupasse e ela riu e me deu carinho na cabeça. É bom sentir carinho. Ninguém aqui gosta muito de carinho, a gente experimenta muito a violência.*

Sentindo ausência de carinho e de proteção, Maria reclama o tempo inteiro da maneira como é tratada no Hospital. O que ela reclamava também era de alguém para ouvir suas histórias e de seu passado.

Em acesso ao prontuário de internação de Maria no ano de 2003, um dos sintomas que a levaram ao internamento foi “agressão e revolta dentro de casa”. Segundo relatos de sua mãe, não tinha mais como suportar tamanha confusão dentro da família. E Maria tinha consciência disso e costumava dizer que vinha uma raiva dentro dela que dava vontade de matar sua mãe e machucar todo mundo. Embora aparentemente ela fosse uma pessoa doce e tratasse bem os pacientes com quem tinha por obrigação conviver, Maria carregava seus momentos de revolta e precisava ficar isolada até dos pacientes. Ela sabia que não era perigosa para as outras pessoas e que aquilo era um momento de “descontrole emocional”. *Todo mundo tem isso. Só porque eu tenho, minha mãe me deixa aqui. Não consigo compreender isso. É muito feio isso que minha mãe faz. Ao mesmo tempo em que Maria desabafava, ela dizia entender sua mãe e dizer que conseguia perdoar todos os dias a atitude de sua mãe. É triste, mas não posso fazer nada, não tenho outra escolha.*

*Esvaziada da confiança, saturada da suspeita, a vida é assaltada por antinomias e ambigüidades que ela não pode resolver. À espera de ir em frente sob o signo do lixo, ela cai do desapontamento para a frustração, aterrissando a cada vez no próprio ponto de que desejaria espaçar quando começou sua jornada exploratória. Uma vida assim vivida deixa atrás de si uma série de relacionamentos frustrados e abandonados –o refúgio das condições globais de terra de fronteira, notória por reclassificar a confiança como um signo de ingenuidade e uma armadilha para o inábil e o simplório (BAUMAN, p. 116, 2005)*

A maneira de pensar e agir de Maria José não cabia na “fotografia” da sua família. Seu sorriso sem dentes e seu distúrbio mental não combinavam com a felicidade sonhada pela mãe de Maria. Ela seria um erro, uma dúvida, algo que atrapalhava as possibilidades de viver bem. Segundo informações de Maria, em sua família ela era a primeira pessoa a ser internada num hospício. E suas atitudes eram sempre vigiadas pelos outros familiares.

*Não posso nem ir a uma festinha em paz porque todo mundo me olha torto. É tão chato não poder comer um docinho quieta. Parece que querem se livrar de mim, sinto isso muito, muito, muito. Lá em casa as pessoas não entendem porque eu sofri tanto. Hoje não sofro mais, mas minha vida foi doída. Doeu todo meu corpo e minha cabeça que foi a parte mais afetada. Aparecia até coisa vermelha nela de tanta dor, é verdade!*

*De um modo geral, a loucura não está ligada ao mundo e a suas formas subterrâneas, mas sim ao homem, a suas fraquezas, seus sonhos e suas ilusões. A loucura não está mais à espreita do homem pelos quatro cantos do mundo. Ela se insinua nele, ou melhor, é ela um sutil relacionamento que o homem mantém consigo mesmo. (FOUCAULT, p. 24, 1972)*

*Assim como minha amiga, eu perdi um filho e sei a dor que ela sente. Eu*



*perdi porque tiraram ele dentro de mim e ele morreu. E ela perdeu porque tiraram a menina quando nasceu. São situações diferentes, mas acho que é a mesma dor. A gente sente igual, a gente é gente igual. E ela pode sofrer até mais que eu, não sei. Não consigo ainda medir isso, apesar de gostar muito de matemática. Na escolinha eu fazia contas bem. Aqui não consigo mais. Minha dor tomou conta do meu coração assim, doído mesmo. E não consegui mais rir lá em casa, tudo doía muito. Era como se tivessem arrancado a minha cabeça pelo coração, parece que foi assim. Fiquei doente. Tive tanto medo das pessoas que quis afastar todo mundo de mim, chutei a porta toda, chutei todo mundo, ódio de tudinho, ódio, ódio.*

Ao lembrar-se de quando perdeu seu filho, num aborto encomendado pela sua mãe – como descrito no início do capítulo – Maria ficou muito nervosa, chegando ao ponto de se debater. Ao notar a angustia dela diante a memória, mudei o assunto e começamos a conversar sobre temas que estavam acontecendo naquele instante na televisão<sup>12</sup>.

*Essas repórteres são muito bonitas não são? Eu tenho um pouco de inveja delas, porque elas passam batom e tem dentes brancos. Eu queria ter só um dente branquinho desse jeito e não seria tão triste. (Ela disse isso dando gargalhadas, logo após ter sentido muita tristeza ao lembrar de quando sofreu um aborto com 14 anos). Tenho certeza ‘que só’ se que fosse desse jeitinho, meu namorado iria gostar de mim até hoje e não iria me deixar aqui. Já pensou que coisa danada de feia né? Um namorado deixar a pessoa porque a pessoa é assim? E Maria continuou*

---

<sup>12</sup> A coleta dos relatos da história de vida de Maria José foi feita em frente à televisão, numa pequena sala com cadeiras, almofadas no chão, um tapete e uma pequena janela que dava para ver o sol. O tempo de pesquisa diário durava entre 5 até 6 horas.

sorrindo até gargalhar, depois de lembrar-se de seu primeiro namorado, que segundo ela, a engravidou e jurou amor eterno em sua adolescência.

*Ele era como um irmão bom pra mim, daqueles que eu nunca tive. Ele gostava de me ver feliz, de rir, mas meus pais nunca entenderam isso. Ele era um pouco mais velho do que eu, mas nunca brigou comigo, pelo contrário.*

### **Maria de La Luz Cervantes**

Maria de Cervantes tem uma posição diferente das outras duas. Ela foi brutalmente retirada de sua vida, de seu convívio natural com o marido para, por um erro ou um acaso, estar confundida entre pacientes com distúrbios mentais num hospital psiquiátrico. Ela teve que aprender a conviver com o novo e “aceitar” estar isolada sem ter como argumentar o acontecido. Sua angústia segue dias a fio pela criação de Garcia Marquez e retrata de uma maneira humana o que sentem os doentes mentais quando não escolhem esse isolamento tão rígido. Maria José também não escolheu ser internada, mas sua mãe condenava suas atitudes perante a vida e teve o respaldo de sua própria família, o isolamento. Enquanto Maria de Cervantes não experimentou isso.

Sua história começa numa viagem de carro entre a uma cidade e outra. E num descuido – por falta de gasolina – uma carona mudou todo o seu destino. Ela, que conseguiu ter uma vida “segura” ao lado de um marido, ter uma profissão (atriz) e estabilidade, agora se encontra numa situação de aprisionamento e dor. Maria de Cervantes pegou carona num ônibus cheio de mulheres que seguia destino para um

hospício. Confundida entre as mulheres ela agora é interna. Seu desejo de telefonar se transformou em uma prisão do próprio corpo num lugar desconhecido e sem nenhuma chance de saída. Com o tempo Maria foi perdendo o contato com tudo o que ligava a sua vida. Seu marido sem saber o que havia acontecido a esquece. E quando percebe o que aconteceu já é tarde.

O corpo de Maria agora, aprisionado pelo sistema manicomial, perde a autonomia e passa a ser controlado pelas enfermeiras que agem como carcerárias. Nesse contexto, a teoria biopolítica de Foucault entrelaça com a vida de Maria José - também paciente de um hospital psiquiátrico - e se calcam na disciplina e no controle da vida. A disciplina, segundo Foucault, analisada na obra “Vigiar e Punir”, surge nas escolas, hospitais, fábricas, resultando na dominação do corpo, tendo como base o adestramento do corpo, como podemos observar na obra “Vida Capital”, já citada acima.

*Baseada no adestramento do corpo, na otimização de suas forças, na sua integração em sistemas de controle, as disciplinas o concebem como uma máquina (o corpo-máquina), sujeito assim a uma anátomo – política (PELBART, p. 57, 1998)*

A vida nua de Maria de Cervantes está desfeita com as mesmas vestes subjetivas de Maria José. O estado de exceção da vida das Marias é a única opção que restou a todas três. Proteção existe apenas no imaginário de cada uma delas. Seus corpos estão abertos a qualquer interferência externa. Tanto pela mão dos enfermeiros que caminham com elas pelos corredores do hospital ou estendem os remédios três vezes ao dia para que adormeçam, tanto pelas mãos que acenam para Maria ou a expulsa da calçada por fazer uma imagem feia às lojas do comércio da Ribeira. Elas são varridas o tempo inteiro. Foram varridas de suas casas, das

suas escolhas e por fim de suas próprias vidas, que nuas apenas seguem o comando de quem oferece uma posição superior a sua.

O isolamento social e a interferência das outras pessoas que estão nas camadas “confortáveis” da sociedade ferem a integridade dos que fazem parte do refugio. Como o trecho do conto “Só vim telefonar” que retratar a angustia de Maria ao não conseguir se adaptar à nova vida.

*Depois de dois meses, Maria ainda não havia se adaptado à vida no sanatório. Sobrevivia mal e mal, comendo quase nada daquela pitança de cárcere com os talheres acorrentados à mesona de madeira bruta, e os olhos fixos na litografia do general Francisco Franco que presidia o lúgubre refeitório medieval. No começo resistia às horas canônicas com sua rotina palerma de matinas, laudes, vésperas, e a outros ofícios da igreja que ocupavam a maior parte do tempo. Negava-se a jogar bola no pátio do recreio e a trabalhar na oficina de flores artificiais que um grupo de reclusas mantinha com uma diligência frenética. Mas na terceira semana foi incorporando-se pouco a pouco à vida do claustro. Afinal, diziam os médicos, todas começavam assim, e cedo ou tarde acabavam integrando-se na comunidade. A falta de cigarros, resolvida nos primeiros dias por uma vigilante que os vendia a preço de ouro, tornou a atormentá-la quando acabou o pouco dinheiro que trouxera. Consolou-se depois com os cigarros de papel de jornal que algumas reclusas fabricavam com as guimbas recolhidas no lixo, pois a obsessão de fumar havia chegado a ser tão intensa quanto a do telefone. As pesetas exíguas que ganhou mais tarde fabricando flores artificiais permitiram a ela um alívio efêmero. O mais duro era a solidão das noites. Muitas reclusas permaneciam despertas na*

*penumbra, como ela, mas sem se atrever a nada, pois a vigilante noturna velava também no portão fechado com corrente e cadeado. Certa noite, porém, abrumada pela tristeza, María perguntou com voz suficiente para que sua vizinha de cama escutasse:*

*- Onde estamos?*

*A voz grave e lúcida da vizinha respondeu:*

*- Nas profundas do inferno.*

*- Dizem que esta terra é de mouros - disse outra voz distante que ressoou no dormitório inteiro.*

Todas as tentativas de Maria de Cervantes sair do hospício são inúteis. Passam desde o descrédito do psiquiatra para com ela, até a forma como as enfermeiras lidam com a paciente. Até mesmo uma simples ligação pedida por ela, parece algo sem necessidade. Dentro do hospício o pensamento dos pacientes são sempre inúteis. Eles não têm mais o direito de pensar, sentir ou falar. Um ponto interessante do conto é quando o marido de Cervantes a descobre interna como louca e acredita no médico e não na sua mulher. Essa é uma realidade repetida inúmeras vezes quando se está interno numa instituição em que a palavra, o relato e a história são apagadas e dão lugar a uma nova realidade, a ausência de sua própria voz. Como escreveu Foucault na "História da Loucura", *Se a loucura conduz a todos a um estado de cegueira onde todos se perdem, o louco, pelo contrário, lembra a cada um sua verdade; na comédia em que todos enganam aos outros e*

*iludem a si próprios, ele é a comédia em segundo grau, o engano do engano.*  
(FOUCAULT, p.14, 1972).

O engano de Maria leva a descoberta forçada de si. Retirada de seu convívio social por um erro, sua vida passa a ser regida por normas que a controlam e não permitem que sua vida siga o curso natural. É o estado de cegueira a que Foucault se refere. E o hospital pode ser considerado como um campo de concentração, onde *o campo é o espaço que se abre quando o estado de exceção começa a tornar-se regra*<sup>13</sup>. Como diz a apresentação do livro “O que resta de Auschwitz” de Agambem, na medida em que os seus habitantes foram despojados de todo estatuto político e reduzidos integralmente à vida nua, o campo é também o mais absoluto espaço biopolítico jamais realizado, no qual o poder não tem diante de si senão a pura vida sem qualquer mediação.

A vida de Cervantes, assim como a de Maria José está em poder dos médicos, enfermeiros e do controle da medicação forte que as levam a ter sono e como disse certa vez Maria José *às vezes os remédios são bons para não sentirmos tanto a dor dessa prisão*. As Marias vivem e respiram do mesmo ar rarefeito do século XVI quando os leprosários foram substituídos por celas para abrigar moribundos e “loucos”.

Diferente das outras Marias que sobrevivem lidando com todo o tipo de situação – uma por estar vivendo nas ruas e a outra por ter sido colocada pelos próprios familiares num hospício muito nova – Maria de Cervantes vive um abandono e um aprisionamento do próprio corpo por um engano. Sua angustia não é diferente. Tendo que lidar com todo o tipo de imprevistos e situações, ela passa os

---

<sup>13</sup> Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua. Página 175.

dias e noites na tentativa de fugir daquela realidade, assim como as outras Marias que também desejam sair daquele lugar chamado “vazio”, como elas mesmas terminam descrevendo a situação em que se encontram suas vidas. Elas tem consciência do abandono por já terem experimentado a liberdade de existir sem as amarras amargas da rua ou de um hospício. É o vazio que as expulsa de dentro de si todos os dias e as fazem buscar horizontes diferentes daquele visto há anos. Maria José é interna desde os 18 anos e Maria Firmino desde os 14 anos está nas ruas. Foi na exclusão que elas aprenderam a viver, mas não é o que elas desejam pelo resto de suas vidas.

### Capítulo III: AS MARIAS INFAMES

*"Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e que a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente - o que produz os ventos. Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura."*

(Guimarães Rosa)

Em "A vida dos homens infames" Foucault compôs uma "Antologia de existências" através de arquivos de internamento do hospital Geral e da Bastilha<sup>14</sup>. O contato com os registros aconteceram durante as pesquisas para sua obra "A História da Loucura", enquanto analisava manuscritos dos registros de internos conservados pela Biblioteca Nacional ainda na década de 70. O contato com as informações contidas ali despertou no filósofo um olhar que o aproximava de alguma maneira daqueles pacientes que foram esquecidos pelo tempo. *E confesso que essas "notícias", surgindo de repente através de dois séculos de silêncio, abalaram mais fibras em mim do que o que comumente chamamos de literatura, sem que possa dizer, ainda hoje, se me emocionei mais com a beleza desse estilo clássico, drapeado em algumas frases em torno de personagens sem dúvida miseráveis, ou com excessos, a mistura de obstinação sombria e de perfídia dessas vidas das quais se sentem, sob as palavras lisas como a pedra, derrota e o afinco.* (FOUCAULT, P. 204, 1977).

---

<sup>14</sup> Arquivo do século XVIII contendo grau de internação, ocupação e comportamento dos pacientes internos nos hospícios.



Para Foucault, as palavras contidas ali, despertavam aqueles homens do silêncio profundo a que foram submetidos durante séculos de história. As vidas, excluídas que antes não tinham possibilidade de serem reveladas, encontram com o olhar de Foucault que percebe a importância de análise desse material. *Vidas singulares, tornadas por não sei quais acasos, estranhos poemas, eis o que eu quis juntar em uma espécie de herbário.* (Ibidem, p. 205, 1977).

Logo no início do texto, dois registros aparecem. Um pedaço pequeno da história de dois homens. Mathurin Milan, interno no dia 31 de agosto de 1707, traz a informação de que a loucura deste homem *sempre foi a de se esconder de sua família, de levar uma vida obscura no campo, de ter processos, de emprestar com usura a fundo perdido, de vaguear seu pobre espírito por estradas desconhecidas, e de se acreditar capaz das maiores ocupações.* (Idem, p.204). O Outro homem, Jean Antoine Touzard, interno no dia 21 de abril de 1701 traz em seu registro de internação que ele era um recoleto apóstata, *sedicioso capaz dos maiores crimes, sodomista, ateu, se é que pode sê-lo; um verdadeiro monstro de abominação que seria menos conveniente sufocar do que deixar livre.* (Idem). Foucault cita esses dois exemplos na tentativa de explicar o desejo de restituir a intensidade dessas vidas esquecidas, reverenciando-as. *Procurei saber a razão pela qual se quis impedir com tanto zelo os pobres espíritos de passearem pelas estradas desconhecidas. Mas as intensidades primeiras que me motivaram permaneciam do lado de fora. E uma vez que havia o risco de elas não passarem pela ordem das razões, uma vez que meu discurso era incapaz de levá-las como caberia, o melhor não seria deixá-las na forma mesma que me fizeram senti-las?*(Ibidem, P. 205)

A inquietação de Foucault levou-o a compreender que aquelas vidas, ali escritas e memorizadas através de pequenos relatos, eram fragmentos de um discurso carregado de realidade.

*Eu quis que se tratasse sempre de existências reais; que se pudessem dar-lhes um lugar e uma data; que por trás desses nomes que não dizem mais nada, por trás dessas palavras rápidas e que bem podem ser, na maioria das vezes, falsas, mentirosas, injustas, exageradas, houvesse homens que viveram e estão mortos, sofrimentos, malvadezas, ciúmes, vociferações. Bani, portanto, tudo o que pudesse ser imaginação ou literatura: nenhum dos heróis negros que elas puderam inventar me pareceu tão intenso quanto esses remendões, esses soldados desertores, essas vendedoras de roupas de segunda mão, esses tabeliões, esses monges vagabundos, todos enraivecidos, escandalosos ou desprezíveis; e isso pelo único fato, sem dúvida, de que sabemos que eles existiram. (FOUCAULT, p. 206, 1977)*

O que propõe de fato A Vida dos Homens Infames é, segundo Foucault, reunir rudimentos para uma lenda dos homens obscuros, a partir dos discursos que, na desgraça ou na raiva, eles trocam com o poder. *Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos, eis aí as infâmias das quais eu quis, aqui, juntar alguns restos.* (Ibidem, p. 210).

Utilizando o pensamento de Foucault. As vidas das Marias registradas aqui – e também silenciadas – passam a alcançar um novo olhar. Esse lançado além do desprezo, das dores e da exclusão, mas focado na voz através do relato de suas histórias. Elas que mesmo estando em um patamar da indiferença social, também sentem, amam, choram e buscam transgredir o espaço em que estão para conseguir um mínimo de sobrevivência e dignidade.

### 3.1. AS INFAMES E SUAS HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA

*O resto não somos nós, mas o nada que nos veste*

(Antonin Artaud)

Uma garrafa de água, um telefonema e uma casa imaginária. Três fios de vida para três mulheres. Essas são as forças que as Marias encontram para sair um pouco da realidade a que estão destinadas. Assim como os judeus em Auschwitz que sentiam a liberdade observando os passarinhos que pousavam nos arames farpados no campo de concentração, cada Maria aqui apresentada traz um fio de vida. Maria José – interna no Hospital Colônia João Machado – carregava para todos os lugares sua inseparável garrafinha de água. Era aquele seu símbolo de resistência, a que ela sobreviveria a qualquer tempo. A garrafa pode ser o mar sagrado nas escrituras de Foucault. Esse mesmo mar a que foram jogados milhões de pessoas na *Nau dos Loucos*<sup>15</sup>.

*A água acrescenta a massa obscura de seus próprios valores: ela leva embora, mas faz mais que isso, ela purifica. Além do mais, a navegação entre o homem à incerteza da sorte: nela, cada um é confiado a seu próprio destino, todo embarque é, potencialmente, o último. É para o outro mundo que parte o louco em sua barca louca; é do outro mundo que ele chega quando desembarca. (FOUCAULT, p. 12, 1972)*

Na História da Loucura, a água é coadjuvante dos loucos, quando na ausência dos manicômios, a água era a maneira de isolar os homens e mulheres que vagavam. Esta era uma prática, natural, de isolamento. Uma maneira de livrar os que não correspondiam com a realidade.

---

<sup>15</sup> Grandes embarcações encarregadas de levar os loucos de uma cidade para outra, quando muitos eram jogados a mar aberto.

A ligação de Maria José com a água remete também à obra “A água e os sonhos” do filósofo Gaston Bachelard, quando as águas profundas são também as águas entregues aos devaneios, quando *uma poça contém um universo, um instante de sonho. Contém uma alma inteira* <sup>16</sup> *O passado da nossa alma é uma água profunda. A água humaniza a morte e mistura alguns sons claros aos mais surdos gemidos.*

A simbologia da água na loucura, na visão de Foucault, é o que marca a história e a imaginação ocidental. É através dos mares que os loucos eram despejados e sacralizavam suas vidas.

*A água e a navegação tem realmente esse papel. Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidariamente acorrentado à infinita encruzilhada. (FOUCAULT, p.12, 1972)*

Confiar o louco aos marinheiros era uma maneira de evitar que ele ficasse vagando por entre os muros da cidade. *Os loucos tinham então uma existência facilmente errante. As cidades escorraçavam-nos de seus muros; deixava-se que corresse pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos.* <sup>17</sup>

Resistir para as Marias é o significado da segurança da própria existência. Cada uma em sua história carrega um fio invisível a que se agarram com todas as forças, os sonhos e até seus pesadelos. A casa imaginária de Maria Firmino é uma maneira de lampejar seu imaginário de coisas boas. A casa, o abrigo, o lar. Ali como quem monta um quarto para o bebê que vai chegar, Maria elabora sua casinha futura

---

<sup>16</sup> A Água e os Sonhos de Gaston Bachelard, 1942.

<sup>17</sup> História da Loucura, p. 9, 1972.

na mente. Os cômodos são todos divididos de acordo com sua necessidade de anos passados nas ruas. Ela conta que refez cada detalhe do jeito que desejava. *Só preciso de um quarto por que sou sozinha. Mas a cozinha precisa estar toda charmosa. Tem fogão branco, geladeira pequena para caber as águas, os sucos e as comidas que vou preparar e também os doces que gosto muito. Não vai ter bebida lá dentro, pretendo não precisar mais delas quando estiver morando lá. No quarto, um beliche para dormir quem quiser comigo e também o Severino<sup>18</sup>, quando ele quiser vir.*

Para Maria Firmino, a casa imaginária é uma maneira de respirar a própria história e reorganizar sua vida dentro de uma maneira sonhada e rever sua própria história, tendo um lar. O lar que ela perdeu. O lar que sumiu nas suas escolhas e desventuras.

A casa imaginária é um refúgio subjetivo, mas para Maria Firmino é algo que será concretizado em breve. E isso a faz recordar da sua mãe, mesmo sem lembrar-se do seu rosto e recriá-la. Através dos pensamentos ela reconstrói o ninho desfeito. Refaz sua cama, seus armários – que na realidade são sacos plásticos. *Quando nos lembramos das casas, dos aposentos, aprendemos a morar em nós mesmos.*<sup>19</sup> Na obra de Bachelard, o autor traz o questionamento sobre o que é mais real. A casa concreta ou a casa imaginária dos sonhos? Através da literatura, os escritos apontam que a casa onírica é mais real do que a concreta. *Se o sonho vai tão longe. É porque a raiz vai longe.*

Desta maneira, Bachelard traz a casa como a maternidade, o aconchego, o lugar seguro do pensamento. E é nesse berço recriado e descrito por Maria sua

<sup>18</sup> Severino é o namorado de Maria Firmino. Quem tem um sub capítulo mais adiante na dissertação.

<sup>19</sup> A poética do Espaço. Gaston Bachelard. Página 56, 1977.

maneira de retomar o seu lugar perdido. Como diz Bachelard, *a casa é o primeiro mundo do ser humano antes dele ser jogado no mundo real.*

Sem adentrarmos na parte filosófica de Bachelard quando descreve os cômodos, o porão e outras partes da casa, o registro aqui, é a casa imaginária de Maria como forma de fugir ao processo cruel a que passa sua existência. Seu corpo sem casa e suas perspectivas sem chão, ganham referências em seus pensamentos e automaticamente uma maneira de resistir à própria realidade que segundo seus próprios relatos, a fere.

Em “O que Resta de Auschwitz”, o capítulo “A Testemunha”, traz a história através de Levi<sup>20</sup>, quando Miklos Nyiszli, um dos poucos sobreviventes do último esquadrão especial de Auschwitz<sup>21</sup>, contou que assistiu, durante uma pausa do "trabalho" a um jogo de futebol. Na visão de Agamben, *essa partida poderá parecer a alguém como se fosse uma breve pausa da humanidade em meio a um horror infinito, aos meus olhos, porém, como aos das testemunhas, tal partida, tal momento de normalidade, é o verdadeiro horror do campo. Podemos, talvez, pensar que os massacres tenham terminado – mesmo que cá ou lá se repitam, não muito longe de nós. Mas aquela partida nunca terminou, é como se continuasse ainda, ininterruptamente.* (Agamben, p. 35, 2008)

E Agamben complementa dizendo que da partida, provêm a angustia e a vergonha dos sobreviventes e dela provêm também a nossa vergonha, *de nós que*

<sup>20</sup> Levi é um dos testemunhas do campo de concentração de Auschwitz e escreveu o livro *Os afogados e os sobreviventes*, p. 27-8 citado no livro “O que Resta de Auschwitz”, p. 34.

<sup>21</sup> Esquadrão Especial era o grupo de deportados a quem era confiada a gestão das câmaras de gás e dos fornos de crematórios. Eles deviam levar os prisioneiros nus à morte nas câmaras de gás e manter a ordem entre os mesmos, depois arrastar para fora os cadáveres, manchados de rosa e de verde em razão do ácido cianídrico, lavando-os com jatos de água; verificar se nos orifícios dos corpos não estavam escondidos objetos preciosos, arrancar os dentes de ouro dos maxilares; cortar os cabelos das mulheres e lavá-los com cloreto de amônia. Transportar depois os cadáveres até os fornos crematórios e cuidar da sua combustão; e, finalmente, tirar as cinzas residuais dos fornos. (Agamben, p. 34, 2008)

*não conhecemos os campos e que, mesmo assim, assistimos, não se sabe como, àquela partida que se repete em cada partida dos nossos estádios, em cada transmissão televisiva, em cada normalidade cotidiana. Se não conseguirmos entender aquela partida, acabar com ela, nunca mais haverá esperança. (Ibidem, p.35)*

O fio de ligação de Maria de La Luz Cervantes é o telefone. Sua esperança com o mundo externo ao hospício a faz acreditar que todo o “pesadelo” acabará em algum momento.

Todas as formas de fuga da realidade e o retorno à vida é o que Boris Cyrulnik chama de Resiliência. No livro *“Autobiografia de um espantalho: Histórias de resiliência: o retorno à vida”<sup>22</sup>*, o autor traz relatos de testemunhas de grandes catástrofes como o nazismo – seguindo a referência de Agambem – e histórias de vida de pessoas que precisaram rever sua própria história para sobreviver ao destino que lhes coube.

*Quanto se é abandonado, esse é o único recurso que vem à mente para devolver um pouco de sentido ao mundo de cabeça para baixo e pôr ordem em nossas percepções sem rumo. (CYRULNIK, p. 51, 2009)*

Entre os relatos das testemunhas de grandes catástrofes, Cyrulnik afirma que destruir o outro para enfrentar a sua própria destruição é uma forma de resistência e não de resiliência. *Pois ao se repetir o passado, impede um novo desenvolvimento. (Ibidem, p. 55, 2009)*

---

<sup>22</sup> Autobiografia de um Espantalho de Boris Cyrulnik, 2009.

O estranhamento de si, as fugas e a reconstrução a partir de pequenos pedaços de memória são maneiras de sobrevivência. Ligações à própria história, costuras, remendos são formas de criar a própria colcha de cobertura de seus corpos.

*Ao pé das chaminés de Auschwitz, os deportados pediam para ler as linhas da mão e ficavam sossegados quando lhes diziam que sua linha da vida era longa. Uma crença delirante os ajudava a suportar um real inexorável. (Ibidem, p. 70, 2009)*

O que ajuda a suportar o real – no caso das Marias – é exatamente o entrelaçar destes fios de ligação à vida. A crença delirante de conseguir sair daquela realidade com lembranças e projeções, reconstruindo suas histórias por dentro, são suas resiliências. Na obra de Cyrulnik ele afirma que a proteção necessária para os que sofrem de traumas na vida não é suficiente. *Também é preciso remanejar a memória do trauma, mas nesse caso a estrutura dos relatos pode encaminhar a alma ferida tanto para uma retomada da vida resiliente como para o ódio que prepara a repetição vingativa, antiresiliente*<sup>23</sup>.

*A explicação mais simples que devolve coerência ao mundo desmoronado é o delírio lógico do bode expiatório, aquele por meio de quem a desgraça chega. Depois de uma catástrofe natural, uma guerra, uma miséria econômica, uma pobreza cultural, que provocam uma vacuidade de sentido, é mediante um momento paranoide que a vida volta. (CYRULNIK, p. 60, 2009).*

O retorno à vida é a resiliência. E como escreveu Boris Cyrulnik, *a resiliência não é, absolutamente, uma história de sucesso, é a história da briga de uma criança empurrada para a morte que inventa uma estratégia para voltar à vida; não é o fracasso anunciado desde o começou do filme, é o desenrolar imprevisível com soluções surpreendentes, muitas vezes romanescas. (Ibidem, p. 77, 2009)*

---

<sup>23</sup> Autobiografia de um espantalho. Página 57. Boris Cyrulnik, 2009.



Na obra, o autor conta casos específicos de pessoas que precisaram recompor suas histórias de vida para conseguir viver. Como o menino Pierrot que tinha orgulho de seu pai, um herói da Segunda Guerra Mundial. E por toda a vida ele carregou consigo aquele brilho de ter tido um pai que salvou vidas e lutou pela sua pátria. 50 anos depois, quando “os caçadores de sombra” chegaram reviraram os arquivos e Pierrot descobre que seu pai na verdade *fora fuzilado, na libertação, por ter colaborado com o exército de ocupação e ter desempenhado um importante papel na prisão de muitos resistentes. No fim da frase, Pierrot apagou. Sua alma estava morta, assassinada por uma sentença.*<sup>24</sup>

Recompor a vida a partir de uma história difícil e trágica é tecer fios de resiliência. E é a partir dos relatos, da narrativa e do testemunho que se volta a ter voz, vida. Assim como Pierrot, as Marias andarilhas por estas páginas e pela vida relatam suas histórias e ganham um novo recorte de suas vidas. *Um relato não é a volta ao passado, é uma reconciliação com a própria história.* (CYRULNIK, pg 3, 2009).

Como diz o autor citado acima, os sobreviventes não estão totalmente mortos. Não passam de espantalhos, ilusões de seres humanos que só poderão voltar a ser pessoas de verdade desde que seu meio os deixe falar. Para Cyrulnik, Agambem e Foucault, os relatos são as essências de vida das pessoas que estão sem voz.

No livro “*O que Resta de Auschwitz*” de Giorgio Agamben, o autor toca na mesma linha invisível de uma maneira diferente. Em sua visão, não se trata de entender as circunstâncias materiais relacionadas ao maior campo de concentração de Hitler, em outras palavras, o livro investiga as dificuldades do testemunho num

---

<sup>24</sup> Autobiografia de um Espantalho, introdução.

espaço onde não há referências básicas de humanidade e impera uma ordem disfuncional que não preserva a vida. O depoimento do escritor Primo Levi, ex-prisioneiro de Auschwitz, é matéria prima para a análise de Agamben. A estratégia de Levi foi condicionar a sobrevivência à necessidade de contar sua história.<sup>25</sup>



Figura 1 - Imagem de Auschwitz retirada do site [spectrum.weblog.com.pt/arquivo/2005/01/](http://spectrum.weblog.com.pt/arquivo/2005/01/)

---

<sup>25</sup> Agamben, pg 10, 2008.

### 3.2 MARIA FIRMINO E SUA PAIXÃO POR SEVERINO

Um disparo de luz nos olhos de Maria é quando ela fala sobre Severino <sup>26</sup>. É com ele que ela consegue dividir sua vida e ainda seu colchão surrado com apenas um lençol rasgado que ganharam de um passante. É esse o lar real dos dois. E eles geralmente dormem embaixo de uma agência de publicidade desativada, de onde lhes resta uma marquise, abrigo da chuva e do sol. Vi Maria poucas vezes com Severino. Segundo ela, seu namorado bebe e trabalha demais. Ambos catam latinhas para vender num depósito de lixo destinado à reciclagem na Ribeira. Maria conta que Severino é seu grande companheiro, *apesar das decepções que ele já fez*. Assim como Maria, ele bebe todos os dias e já chegou a sumir pelas ruas por mais de duas semanas.

Maria o conheceu catando latinhas numa festa e ele a ajudou a levantar de uma queda na rua. Ambos estavam bêbados, mas desde esse dia não conseguiram mais se largar. E isso já faz seis anos. Maria conta que Severino serve para ela como abrigo. *É bom ter alguém para dividir as coisas. A gente se entende, mesmo brigando muito. Severino tem seu jeito rude, chato, como muitas vezes é, mas não deixa de ser uma companhia, um braço sem trombose que não tenho mais.*

As brigas entre Severino e Maria são, segundo ela, constantes. *A gente briga por tudo, até pelo pedaço melhor do lençol. E isso é ruim porque quando se tem um companheiro, um namorado, a gente precisa agradar, não é?* A indagação de Maria é uma forma de tentar justificar as brigas que ela mesma acredita serem desimportantes. *Gosto mesmo é de estar perto dele. Ele me protege. E sei que protejo ele também, mesmo sendo uma pessoa difícil como sou.*

---

<sup>26</sup> Severino é o companheiro de Maria.

A proteção de Severino é importante para Maria, pois ela o sente como sendo alguém próximo, *da minha família*. Mas Severino é também razão de desgosto de Maria. *Era um dia de chuva e eu tava voltando para dormir na marquise, quando vi o movimento. Severino tava se deitando com outro homem. Aquilo pra mim foi o desmoronamento da minha vida. Parecia que tudo tinha desabado na minha cabeça, mais pesado que aquela marquise. Mas eu consegui botar eles dois para correr e nunca mais olhar na cara dele. Mas o pior é que ainda o amo.*

Hoje, não é só a casa imaginária que Maria constrói para viver melhor sua história, o amor por Severino é também uma maneira de ligá-la a uma vida mais “segura”. *Queria rezar todos os dias para Severino largar essa vida e voltar a me amar. Mas Deus não permite isso.*

Agamben traz uma reflexão interessante através do pensamento de Hans Jonas, quando ele diz em que lugar estava Deus que não viu o que aconteceu no campo de concentração de Auschwitz<sup>27</sup>. Maria indaga a mesma coisa que Jonas, à sua maneira, mas acredita que Deus ainda reserva um futuro bom para ela, sua moradia e o amor de Severino. É com ele que ela ganha forças para aguentar o ir e vir dos hospitais da vida<sup>28</sup>. Ao seu modo, Severino cuida e protege Maria. Um se torna muleta do outro, mesmo em meio a brigas e revoltas. *É difícil ficar sem ele, porque é quando me sinto completamente desamparada. Mesmo com esse jeito dele ranzinzo e durão, ter ele por perto é sentir que tenho alguém na vida.*

---

<sup>27</sup> AGAMBEN, *O que Resta de Auschwitz*, p. 32, 2008. Editora Boitempo.

<sup>28</sup> Quase todo mês Maria é interna nos hospitais da cidade devido a seu problema de trombose e bebida.

*O único meio de alcançar a autonomia é construir uma quimera, uma representação teatral de si, uma fascinação pelo inesperado, um amor pelos recomeços que balizam o romance de nossa vida. Por isso é que toda história flerta com o trauma, à beira da dilaceração. Se não tivéssemos escoriações, a rotina de nossas existências nada poria em nossas memórias. Escreveríamos “biografias com páginas em branco”, e essa realidade sem retórica embotaria nosso psiquismo. (CYRULNIK, p. 13, 2009).*

Mesmo em meio ao sofrimento vivido por Maria Firmino em relação a Severino, sua preocupação com Severino é uma forma de ocupar a mente e ter um objetivo a ser seguido. O que podemos chamar também de uma história de resiliência. A partir de uma nova história, sua vida recomeça e passa a ser contada de maneira diferente, ou seja, reconstruir a própria narrativa de vida, mesmo estando numa situação de vida caótica.

*Cada arquivo, cada encontro, cada acontecimento que nos convida a criar uma outra quimera narrativa constitui um período sensível de nossa existência, um momento fecundo, uma reviravolta caótica a partir da qual vamos tentar reaprender dolorosamente a viver. (Ibidem, p. 15)*

### 3.3 MARIA JOSÉ: TESTEMUNHA DE UMA VIDA NO HOSPÍCIO

*Gravata de urubu não tem cor.*

*Fincando na sombra um prego ermo, ele nasce.*

*Luar em cima de casa exorta cachorro.*

*Em perna de mosca salobra as águas se cristalizam.*

*Besouros não ocupam asas para andar sobre fezes.*

*Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina.*

*No osso da fala dos loucos têm lírios.*

(Manoel de Barros, Seis ou Sete Coisas que Aprendi Sozinho. *O Guardados de Águas*)

Com seu sorriso de criança – faltando os dentes, como as ‘janelinhas’ das crianças de 6 a 8 anos – Maria José não desiste de sonhar em ser professora. Além da água, já citada aqui, o sonho de estar à frente de uma escola para crianças lateja em seus pensamentos a cada segundo. Talvez por se sentir professora dos pacientes dentro no Hospital Colônia João Machado, ela traz em mente um poder a todos os que estão internos. Maria costuma explicar com calma todos os noticiários da televisão para os pacientes.

*É um dos momentos que mais gosto do dia. O medo que sinto é que eles não compreendam, mas eu tento novamente. Com carinho, cuidado e muita paciência.*

O relato de Maria é incisivo e ela costuma dar palpite em diferentes situações vividas pelos internos. Ela sente o tempo inteiro o desejo de proteger os mais próximos e assim se protege. *Gosto de estar perto de todos. É uma maneira bonita de viver.*

Uma das cenas interessantes da observação foi o diálogo de Maria José com Márcia, uma interna de 20 anos viciada em crack e grávida de sete meses. A angústia de Maria ao tentar adivinhar o destino da criança de Márcia é perceptível. Embora Márcia pareça estar vivendo em outro mundo. Talvez pelo efeito dos remédios – sim, mesmo grávida, ela continua ingerindo quantidades altas de

substâncias sedativas – os olhos de Márcia parecem estar o tempo inteiro distante e ela não consegue participar das conversas com naturalidade.

*Essa criança pode nascer aqui e desaparecer. Esse é meu maior medo hoje. Vejo essa moça, tão linda, todos os dias e fico pensando nisso. Toma meu pensamento, toma meus dias, toma minha cabeça, me enlouquece.*

Maria não se conforma com a possibilidade de Márcia ficar sem a criança. Mas o distanciamento de Márcia em relação à fala de Maria é visível. Ela não responde com estímulo além de um sorriso curto no canto dos lábios, conformador de sua realidade. Pelos olhos de Márcia e sua atitude diante os acontecimentos a sua volta, a vida não faz mais nenhum sentido. Ela não tem reação aos estímulos externos, apenas respira e parece dopada dia e noite. Com seus lábios negros, os olhos perdidos e o corpo magro como se pudéssemos contar todos os seus ossos, Márcia fala muito pouco e apenas se diz triste e em “depressão”. Não sente vontade de comer nem tampouco de ver seu filho nascer. Ao ouvir o relato de sua companheira de ala, Maria José logo se coloca a tentar ajudá-la.

*Você precisa olhar para esta criança. É ela quem vai te fazer feliz um dia menina, acorde!*

Márcia continua intacta em seu gesto alheio a tudo e a todos, como se nenhuma palavra, nenhuma formalidade ou tentativa de ajuda surtisse efeito. Ela não testemunha sua dor.

Maria além de sobrevivente a este sistema fechado a que reside – dentro de um hospital psiquiátrico – é também testemunha de uma história construída durante séculos. É ela quem relata as dores e as estranhezas de um lugar que embora não se assemelhe a um campo de concentração tem suas proximidades, quando os corpos estão regidos e a vida dos homens ali internos são também sacrificadas. Sair do hospício é assinar a sentença de uma vida exclusiva.

Márcia nos remete aos chamados “Muçulmanos” de Auschwitz, descritos por Agamben<sup>29</sup>. Na obra, o autor costura relatos de Primo Levi, quando ele conta sobre os homens desnutridos existentes no campo de concentração.

*Os edemas se difundiam, sobretudo no caso de quem devia ficar em pé por muitas horas, inicialmente na parte inferior das pernas, depois nas coxas, nas nádegas, nos testículos e até mesmo no abdômen. Aos inchaços se acrescentava muitas vezes a diarreia, que frequentemente podia preceder o desenvolvimento dos edemas. Nesta fase os doentes tornavam-se indiferentes a tudo o que acontecia ao seu redor. Eles se autoexcluía de qualquer relação com o ambiente. Quando ainda eram capazes de se mover, isso se dava em câmara lenta, sem que dobrassem os joelhos<sup>30</sup>*

Como a dor no corpo era tamanha e a temperatura baixava, os desnutridos tremiam de frio e como contou Primo Levi, *observando de longe um grupo de enfermos, tinha-se a impressão de que fossem árabes em oração. Dessa imagem derivou a definição usada normalmente em Auschwitz para indicar os que estavam morrendo de desnutrição: muçulmanos.*<sup>31</sup> Eles eram os que não testemunhavam, não tinham mais voz, não conseguiam mais assimilar a própria realidade. Em

<sup>29</sup> Na obra “O que Resta de Auschwitz”.

<sup>30</sup> Capítulo “O Muçulmano”, pg. 51. O que Resta de Auschwitz.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 52.



proporções, logicamente, diferentes, Márcia também não tem sua voz para contar a própria história. *A história – ou melhor, a não história – de todos os “muçulmanos” que vão para o gás é sempre a mesma: simplesmente, acompanharam a descida até o fim, como os arriões que vão até o mar.*<sup>32</sup> Os “muçulmanos” não conseguiram se adaptar ao sistema cruel do campo de concentração.

*Uma vez dentro do campo, ou por causa da sua intrínseca incapacidade, ou por azar, ou por um banal acidente qualquer, eles foram esmagados antes de conseguir adaptar-se; ficaram para trás, nem começaram a aprender o alemão e a perceber alguma coisa no emaranhado infernal de leis e proibições, a não ser quando seu corpo já desmoronara e nada mais poderia salvá-los da seleção ou da morte por esgotamento. (AGAMBEN, p. 51, 2008)*

Assim como Márcia, os “muçulmanos” são a força do campo: *a multidão anônima, continuamente renovada e sempre igual, dos não-homens que marcham e se esforçam em silêncio, já se apagou neles a centelha divina, já estão tão vazios, que nem podem realmente sofrer. (Ibidem, p.52)*

O sofrimento, a dor e a experiência calada de Márcia são desfeitos com as palavras de Maria José, quando ela consegue narrar e ser testemunha de um domínio instalado por séculos de histórias. São essas realidades, criadoras de escolas, fugas e casas imaginárias a realidade de todas as Marias que respiram aqui. Mulheres, desejosas de filhos, de voz que estão regidas como uma música pré fabricada, como corpos sem movimento próprio.

---

<sup>32</sup> Ibidem, p. 51.



Figura 2 - Campo de concentração de Auschwitz



Figura 3 - Campo de concentração de Auschwitz



Figura 4 - Hospital Colônia João Machado



Figura 5 - Hospital Colônia João Machado

### 3,4 MARIA DE LA LUZ CERVANTES E O CONTATO COM O LADO DE FORA

*Na frente do cortejo/O meu beijo  
Forte como o aço/Meu abraço  
São poços de petróleo/A luz negra dos seus olhos  
Lágrimas negras/ Caem, saem, doem*

(Jorge Mautner)

O primeiro contato de Maria de La Luz Cervantes com a realidade do lado de fora do hospício foi assistir seu marido se conformar com a sua nova realidade. De mãos atadas, com os ouvidos atentos e um infeliz diagnóstico de “agitada”, por acaso o mesmo de Maria José, Cervantes se atira ao conformismo. Essa é a única opção que restou para Maria, ela não tem mais como fugir disso. A única ponte de ligação ao mundo real, à sua história de vida é este homem que hoje a desconhece e descrê em sua própria palavra. Talvez essa seja a pior maneira de sentir a realidade. *Pela boca de quem se ama.* O marido de Cervantes, O Mago Saturno soube que Maria estava interna através da guarda noturna do hospício, que ameaçou matar Maria caso alguém soubesse que ela levou o recado. O poder sobre Maria é tão controlador que todos os seus passos são medidos pelas guardas, enfermeiras e pelo médico que a diagnosticou. Foi o mesmo médico que contou ao seu marido que *a única certeza é que seu estado é grave. Estava disposto a autorizar uma visita com as devidas precauções se o Mago Saturno promettesse, pelo bem de sua esposa, restringir-se à conduta que ele indicasse. Sobretudo na maneira de tratá-la, para evitar que recaísse em seus acessos de fúria cada vez mais frequentes e perigosos.*

- Que esquisito, disse Saturno. – Sempre foi de gênio forte, mas de muito domínio. O médico fez um gesto de sábio. – Há uma conduta que permanece latente durante muitos anos, e um dia explode... Porém é uma sorte que tenha caído aqui, porque somos especialistas em casos que requerem mão forte. No final fez uma advertência sobre a estranha obsessão de Maria pelos telefones.<sup>33</sup>

O encontro primeiro de Saturno e Maria de Cervantes, foi estranho. Maria estava de pé no centro do salão, junto a uma mesinha com duas cadeiras e um vaso de flores. Era evidente que estava pronta para ir embora, com seu lamentável casaco cor de morango e sapatos sórdidos que havia ganho de esmola. Num canto quase invisível estava Herculina (guarda) com braços cruzados. Maria não se moveu ao ver o marido entrar nem mostrou emoção alguma na cara salpicada pelos estragos do vitral (Maria havia tido um ataque dias antes da visita de Saturno e quebrou um dos vidros da porta do hospício). Deram um beijo de rotina.

- Como se sente? – perguntou ele.

- Feliz por você enfim ter vindo, coelho – disse ela – Isto foi a morte.

Não tiveram tempo de sentar-se. Afogando-se em lágrimas, Maria contou as misérias do claustro, a barbárie das guardas, a comida de cachorro, as noites intermináveis sem fechar os olhos de terror.<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> Conto “Só Vim Telefonar”, p. 121.

<sup>34</sup> Ibidem, p.122.

Maria ficou sem acreditar quando Saturno disse acreditar no médico e que faltava pouco tempo para ela se recuperar de vez. É como no campo de concentração, quando o estado de exceção começa a tornar-se regra.<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> O Poder Soberano, Giorgio Agambem, p. 177.

## Capítulo IV: FIRMINO, JOSÉ E CERVANTES: UM ENCONTRO DENTRO DAS MARIAS

*Há muita gente/ Apagada pelo tempo/ Nos papéis desta lembrança/ Que tão pouco me ficou/ Igrejas brancas/ Luas claras na varandas/ Jardins de sonho e cirandas/ Foguetes claros no ar/ Que mistério tem Clarice/ Pra guardar-se assim tão firme, no coração (Clarice de Capinan e Caetano Veloso)*

“Conheci Maria José enquanto olhava pelas frestas da pequena janela do quarto de dormir. Ela com sua garrafa de água sempre vigiada ao lado me sorriu depois de dias de observação. Não sei quanto tempo ela estava ali, mas meu desejo era saber sobre seus dias e se ela como eu ainda conseguia sonhar”. Assim descreveu Maria de Cervantes, dias depois de conhecer Maria José num hospital. Cervantes percebeu naqueles meses que o mundo é pequeno para os loucos. E ela ali todos os dias, amanhecendo com os internos, era também louca. Perguntava-me todos os dias, incansavelmente o que seria a loucura. Não conseguia entender como ainda poderia existir um sistema de internamento tão rígido.

Maria José percebeu o olhar de Maria de Cervantes e passou a notar seu comportamento. Seus olhares passaram a demorar mais um segundo a cada manhã. Entrelaçadas e aflitas de diálogo elas se encontraram num dia em que o jantar era sopa de carne com macarrão, o prato predileto de Maria José. Entre uma garfada e outra da insossa comida, as Marias com idades aproximadas trocaram algumas palavras.

Maria José: Você chegou quando aqui?

Maria de Cervantes: já nem sei quantos dias estou aqui, ou meses ou anos, mas sei que cada um foi pior que o outro – disse, e suspirou com a alma. –Acho que nunca voltarei a ser a mesma.

Maria José: Faz muito tempo que vou e volto. Não lembro mais. Mas desde 18 anos moro aqui e na minha casa. São muitos anos comendo dessa comida e tomando esses mesmos remédios que me dão um sono forte.

Maria de Cervantes: Não era para eu estar aqui. Só vim telefonar. E me sedaram. Para eu dormir na primeira noite, tiveram que injetar um sonífero. Antes do amanhecer, quando fui despertada pelo desejo de fumar, percebi que estava amarrada pelos pulsos e pelos tornozelos nas barras da cama. Ninguém acudiu meus gritos.

Maria José: É sempre assim. Mas depois a gente se acostuma.

Maria de Cervantes: Você acha mesmo que a gente se acostuma?

Maria José: Sim. A televisão é uma forma da gente fugir daqui.

Maria de Cervantes: Não existe fuga. Todas as noites me doem.

Enquanto os pratos esvaziavam e enchiam os estômagos dopados de remédios das Marias, as enfermeiras apareceram para encerrar o jantar. Era hora de ir para a cama, para a cela, para o abrigo, para o sono sem sonho. Mais um dia. E elas foram. Já cansadas do dia e com medo do escuro que virá pela noite adentro. Em silêncio todas as mulheres se dirigiram para o abrigo, enquanto Maria José se despedia de Cervantes.



Maria José: Amanhã iremos nos ver?

Maria de Cervantes: Sim. Vamos. Amanhã é dia de terapia ocupacional não é?

Maria José: Sim. Acho que sim. Confundo-me com os dias.

A terapia ocupacional é um dos dias mais queridos para as internas. Na aula elas podem pintar, ler, fazer colagens, tocar instrumentos e ainda assistir televisão, um dos divertimentos que Maria José mais gosta.

O mais duro era a solidão das noites. Muitas reclusas permaneciam despertas na penumbra, como ela, mas sem atrever a nada, pois a vigilante noturna velava também no portão fechado com corrente e cadeado. Certa noite, porém, abrumada pela tristeza, Maria (Cervantes) perguntou com voz suficiente para que sua vizinha de cama escutasse:

- Onde estamos?

A voz grave e lúcida da vizinha respondeu:

- Nas profundezas do inferno.

- Dizem que esta terra é de mouros – disse outra voz distante que ressoou no dormitório inteiro. – E deve ser mesmo, porque no verão, quando há lua, ouvem-se cães ladrando para o mar.

Ouviu-se uma corrente nas argolas como uma âncora de galeão, e a porta se abriu. A cérbera, o único ser que parecia vivo no silêncio instantâneo começou a passear de um extremo a outro do dormitório. Maria se assustou, e só ela sabia por quê.<sup>36</sup>

Maria José preferiu não comentar nada. Ela que conhecia melhor que Cervantes os caminhos do hospital e das tristezas, resolveu guardar a informação para dar no outro dia. Maria José costumava dizer que com o tempo dentro do hospital, se aprende que o silêncio é a melhor maneira de resolver os impasses, as angustias e o medo. Não o vazio. Lá, a todo o tempo o controle dos remédios e de suas vidas é visível e sentido na pele, afora seus efeitos colaterais. Se existe grito, os sedativos são as primeiras opções para acalmar os nervos dos pacientes. Por isso Maria José conseguiu uma “técnica” para não engolir os remédios. Os coloca debaixo da língua e depois cospe na primeira oportunidade. Nem sempre dá certo. Mas é o que existe de mais urgente a ser feito. O exagero no controle de seu corpo parece irritá-la.

Angustiada com a noite, Maria José não conseguia parar de pensar nas dicas que precisava passar para Maria Cervantes. Ela que sempre teve o desejo de ser professora, guardava consigo a necessidade de proteger quem gostava. E Maria de Cervantes lançou o primeiro olhar sincero para ela, o que a fez sentir protegida e ter o desejo de protegê-la.

O hospital todo foi dormir. E mais uma vez as Marias não viram o dia amanhecendo. Mais um dia. O cheiro da ala feminina estava mais forte que no dia anterior. Nos cantos das camas, fezes e um pouco de sangue menstrual. Essa era a

---

<sup>36</sup> Trecho do conto “Só vim telefonar” do livro “Os doze contos peregrinos” de Garcia Márquez.

mistura de odores que a faziam despertar quase todos os dias. Maria de Cervantes não se acostumava, Maria José também não, mas passavam a tentar sentir além dessas sensações ruins para começar a aparecer novas possibilidades. As duas gostavam de fumar. O cheiro do cigarro nas mãos – mesmo que feridas de fumar até o final e queimá-las – era uma maneira de fuga. A tarde estava começando e sem sal o almoço foi engolido e tolerado entre uma conversa e outra de Cervantes com José. Elas se entreolhavam e ali era um lugar seguro de estar; nos olhos. Ali, elas se sentiam mais tranqüilas e mais fortes para conseguirem respirar melhor. *A loucura desvela a verdade elementar dos desejos primitivos. Ela olha a verdade nua do homem*<sup>37</sup>. Maria José que nunca havia oferecido sua água para ninguém, girou demoradamente a tampinha azul de sua garrafa plástica e ofereceu com todo cuidado um gole à Cervantes. Encostando sua boca demoradamente no gargalo da garrafa de José, Cervantes se sentiu feliz por compartilhar algo tão importante e íntimo de Maria José e surgiu ali uma centelha de esperança. Ao terminar o gole, Cervantes devolveu a garrafa com todo o cuidado.

- Tão bom saber que você será salva junto comigo. Só a gente vai sobreviver aqui, disse Maria José.

Maria José repetiu essa frase por algumas horas, encantada com a divisão de sua sobrevivência. Esta era a primeira vez que ela se sentia confortável dentro do hospital. Ali as pessoas aprendem que o conflito é uma forma de sobrevivência, por isso competem tudo. Desde os pequenos objetos como anel, pulseira, brincos e

---

<sup>37</sup> História da Loucura. Página 34.

cigarros, até a atenção dos enfermeiros e dos terapeutas ocupacionais. Tudo é disputado, mas em meio à disputa, existe a cumplicidade entre os que estão no mesmo barco. Enquanto respiravam um pedaço de felicidade, surgiram gritos fortes e dolorosos vindos da recepção do hospital. Maria José se assustou e sentiu o desejo de se esconder. Mas não, agora ela estava mais forte e desejou apenas pegar forte a mão de sua “amiga” Maria de Cervantes. As duas, preocupadas, foram o mais próximo que puderam da recepção. Lá viram uma mulher com os cabelos cortados, parecidos à força, e com muita dor nos olhos. Ela havia acabado de apanhar na rua e foi carregada por um passante ao hospital. Imediatamente avaliaram a senhora como “agitada” e a doparam com drogas fortes. Seu corpo foi repousar justamente na mesma ala que as Marias. Tristes com aquela situação, sempre repetida, Maria José e Cervantes sentaram próximas àquela triste senhora e a esperaram acordar. Ao abrir os olhos, inchados e vermelhos, a primeira visão foi o rosto de Maria José. Com seu ar infantil e seus tic tacs inseparáveis nos cabelos, ela chamou a atenção da senhora.

- Quem são vocês? Disse a senhora;

- Sou Maria José e ela é Cervantes. Somos suas novas companheiras de ala;

- De ala? Que lugar é esse?

- Você não sabe? – pergunta Maria José

- Não.

- É um lugar de loucos.

Nesse momento a senhora começa a gritar e as Marias pedem que ela pare.

- Isso pode ser muito ruim para você. Aqui a gente não pode fazer esse tipo de coisa, explicou Cervantes.

Mesmo sem compreender bem a senhora resolveu não gritar mais e se apresentou.

- Me chamo Maria Firmino.

Sua voz embargada e ainda lenta devido aos remédios que a doparam por quase 12 horas não permitiram falar as palavras de maneira clara. Mas nesse momento, as Marias se entreolharam e se assustaram com a coincidência de seus nomes.

- Maria? Cervantes perguntou.

- sim! Maria. Por quê?

- É também os nossos nomes, disse Cervantes.

Nesse momento, Maria Firmino soltou uma gargalhada que assustou um pouco José. Cervantes acompanhou Firmino e sorriu também. Nesse instante, Firmino se sentiu acompanhada de verdade. Ela que é sensível aos olhos alheios, percebeu em Cervantes alguém que conseguiria compreendê-la.

- Estou aqui por acaso, disse Firmino.

- Eu também. Disse Cervantes abaixando a cabeça, como quem se envergonhasse por isso.

- Eu não. Disse José.

As três estavam ali, cada uma por razões completamente diferentes da outra. Mas naquele instante dividiam o mesmo espaço, a mesma comida, o mesmo vazio existencial de sobreviver dentro de um regime fechado.

Assim como quem chega num campo de concentração e precisa assimilar o espaço e as regras, chegar num hospício é segundo o relato de Maria José, “enfrentar-se a si mesmo”. Parece antagônica, mas foi exatamente esta a expressão utilizada por ela quando indagada sobre a sensação de como foi estar no hospital pela primeira vez. Ela lembrou que chegou amarrada pelos pulsos – muito parecido com a vinda do paciente relatado na introdução (Encontros) – e gritava muito. O resto ela disse que era silêncio, devido à alta dosagem de medicação injetada em seu corpo para “acalmá-la”.

Acalmar, dosar, dopar, controlar e observar são verbos comuns dentro de um hospício. Além do significado preciso das palavras, a realidade impressa destes verbos – sobre as mulheres aqui apresentadas – refazem as histórias de vida de cada uma. Ao atravessar a porta do campo/hospício, cada Maria vira um número a ser vigiado. Ali elas não são mais as Marias Firminos, nem Cervantes, nem tampouco José. Elas se tornaram números costurados em seus sutiãs e passam a ser vigiadas dia e noite, noite e dia. Seus passos, seus olhares, suas vozes já não fazem tanto sentido.

*Naquela mesma tarde, Maria foi inscrita no asilo com um número de série, e com um comentário superficial sobre o enigma da sua procedência e as dúvidas sobre sua identidade. Na margem ficou uma qualificação escrita a mão pelo diretor: agitada.*<sup>38</sup>

Com um sono estranho devido a alta medicação, Maria Firmino não conseguia compreender como havia chegado ali. Ela lembra apenas que estava embriagada nas ruas, levou um tombo e a carregaram para o hospital.

- A cada semana é um hospital diferente que me levam. Gosto muito de ir pro Giselda Trigueiro, que é onde tenho amigos de verdade. Mas no João Machado é como o inferno e não é a primeira vez que venho aqui não. Dá é raiva.

Maria José ouvindo o lamento de sua companheira de ala, tentou acalmá-la e alisou demoradamente sua cabeça.

- O que fizeram com os seus cabelos? Perguntou Maria José

- Não sei. Cortaram e tacaram fogo outro dia. Tem dias que nem sei mais quem eu sou. Me fazem tanta coisa ruim no meio do mundo que me perco da minha alma.

Maria Cervantes ouvia tudo com o olhar de quem se dilacera e cansada de estar naquele lugar claustrofóbico, deu idéia das três irem fumar um cigarro.

- Tenho um cigarro sobrando na minha cama, vamos nós três? Convidou Cervantes.

- Não gosto de fumar, na escolinha isso é proibido. Disse José.

- Eu queria mesmo era uma garrafinha de cachaça para ver se passa logo essa agonia. Disse Firmino.

---

<sup>38</sup> Trecho do conto "Só Vim Telefonar", página 109.

Cada uma com uma necessidade diferente ouvia a dor alheia e sentia a si própria na mesma dor. Maria Firmino já cansada de ser levada para abrigos, hospícios e hospitais conta para as suas novas companheiras de ala sobre uma possível fuga.

- Não sei parar num lugar. Preciso voltar para a Ribeira. Disse ela.

- Não se pode fugir assim daqui. Não é tão fácil Maria. Disse apreensiva Cervantes

- Mas fugir daqui é a única maneira da gente existir, falou Firmino com um tom grave em sua voz.

Naquele momento, o barulho do sino do pátio agitou a todos que estavam próximos às três. Era hora de ir para a sala de terapia ocupacional, um dos momentos mais esperados de Maria José. Era ali quando ela encontrava a sala de televisão e as repórteres da televisão em quem mais ela acreditava. No caminho, pelos corredores, Maria Cervantes observou que uma das salas da administração estava vazia e o telefone em cima da mesa a convidou para uma ligação.

- Vão indo vocês duas, eu já chego. Disse Cervantes.

*As duas seguiram e Cervantes então discou seis números, com tanta tensão e tanta pressa, que não teve certeza de ser o número de sua casa. Esperou com o coração na boca, ouviu a campainha familiar com seu tom ávido e triste, uma vez, duas vezes, três vezes, e ouviu enfim a voz do homem de sua vida na casa sem ela.*

\_ Alô?

*Precisou esperar que passasse a bola de lágrimas que formou em sua garganta.*

\_ Coelho minha vida – suspirou.



*As lágrimas a venceram. Do outro lado da linha houve um breve silêncio de espanto, e a voz ensandecida pelos ciúmes cuspiu a palavra:*

*\_ Puta!*

*E desligou.*

*Naquela noite, um ataque frenético, Maria tirou da parede do refeitório a litografia do generalíssimo, arrojou-o com todas as suas forças contra o vitral do jardim, e desmoronou banhada em sangue.*<sup>39</sup>

Nesse dia Maria foi presa no pavilhão das loucas perigosas, foi aniquilada com uma mangueira de água gelada, e injetaram terebintina em suas pernas. Impedida de caminhar por causa da inflamação provocada, Maria percebeu que não havia nada no mundo que não fosse capaz de fazer para escapar daquele inferno. E lembrou imediatamente de Maria Firmino se seu desejo latente em fugir daquele lugar. Nada mais interessava a não ser as palavras com força bruta de Firmino.

Quando Cervantes se viu livre da inflamação e resolveu procurar as outras Marias percebeu que Firmino já havia fugido e restava a água de Maria José para lavar sua angústia em estar ali. Elas se bastavam enquanto se entreolhavam e isso era uma maneira de aliviar os dias e as noites que viriam.

*Desde então, em hora incerta,*

*Essa pena retorna,*

---

<sup>39</sup> Trecho retirado do conto "Só vim telefonar", pg 119.

*E se não encontra quem a escute*

*Lhe arde no peito o coração.*

*Revê os rostos dos seus companheiros*

*Lívidos à primeira luz,*

*Cinzentos de pó de cimento,*

*Indistintos devido à névoa,*

*Tingidos de morte nos sonhos inquietos:*

*De noite batem os queixos*

*Sob a grave demora dos sonhos,*

*Mastigando um nabo que não há.*

*“Para trás, fora daqui, gente submersa!”*

*Vão embora! Não suplantei a ninguém,*

*Não tirei o pão de ninguém,*

*Ninguém morreu em meu lugar. Ninguém.*

*Voltem à névoa de vocês.*

*Não é minha culpa se eu vivo e respiro,*

*E como e bebo e durmo e tenho vestidos.”<sup>40</sup>*

---

<sup>40</sup> Canto 33 do Inferno de Dante citado em “O que Resta de Auschwitz”. AGAMBEN, Giorgio. Editora Bom tempo. 2008. (p.144)

Depois de viver cada história, observar cada cantinho do olhar das Marias e respirar junto com elas na velocidade e lentidão dos seus dias, entrar novamente no Hospital Colônia João Machado ou trocar ideias com Maria Firmino é receber de volta um pedaço da existência roubada. Suas inquietações, seus sorrisos e suas vozes nunca serão esquecidas. Descobrir que cada ser humano é um pouco delas é revirar as perspectivas do mundo.

### **(In) Conclusão**

Não dava. Eram grandes as grades invisíveis que cerraram meus impulsos. Não sei conviver com isso. Não disse uma palavra, apenas deixei o cigarro aceso na mesa de cabeceira, poucos livros e minhas mãos ainda inquietas sem desejo. Dali nada mais delineava meus dias. Nem as velas, nem os riscos, tampouco o futuro imaginário cheio de filhos e uma solidão.

Voei. Arranquei as fibras dos meus antebraços já endurecidos de muitos anos sem ser pássaro e implantei ali séculos de loucura. Não sabia mais existir.

Nas costas, nenhuma roupa, nenhum vinho seco e meus pés, ágeis. O asfalto aproximava os olhos da realidade. Nua. Crua e cheia de sangue, minha carne já gelada de melancolia não enxergava um palmo ao lado. Ela que é atravessada de esperança, hoje se esfacelou de vazio. E não é pouco. Um vazio molhado de silêncio, talvez um copo ou uma coleção de gotas pequenas.

Entrei no primeiro banheiro do bar daquela rua escura e no espelho partido pontiagudo me pinteí. Recriei os pequenos lábios pálidos e acendi um pedaço de vela nos meus olhos já cansados de sinais fechados. Parti.

Começou a chover. As ruas já molhadas pelo líquido ensandecido encharcavam meus passos, já lentos pelo motor alvoroçado da chuva. Sem rumo. Continuei desnivelando a tinta das divisões das ruas enquanto um fogo quase morno se agitava em mim devorando o estômago. Segui.

Subi escadas, retirei homens quase bêbados e cheios de idéia da frente, revirei os detalhes das casas abandonadas e não me encontrei em nada. Precisava de um lugar seguro. O mais seguro possível. Até que um céu arranhado por uma antena de televisão enferrujada me fez enxergar um mundo. Subi.

A cada degrau, gramas de medo eram jogadas escada abaixo, rolando como quem traduz outra pessoa. Cheguei ao último andar de mim, leve. Abri a porta da caixa de máquinas de elevadores e consegui encontrar um pedaço de céu. Era ali a vista mais humana da cidade. Longe de tudo, mais perto do desconhecido que não apavora, encoraja.

Encontrei um cantinho. Limpei os sacos plásticos, as piúbas, os laços de fita amareladas e um pouco de tristeza. Meu novo lar. Já conseguia sentir o cheiro do café da vida escorrendo devagar pelas tardes enquanto as crianças gritavam lá embaixo... Inquietas. Era como eu. Tudo ia dormir, mas por dentro a febre estremecia os nervos, os olhos e até os fios de cabelo embaraçados como as linhas das minhas mãos. Sem mapa nenhum.

No bolso, uma agulha, um batom e um pedaço de vela para durar nas noites frias sentiam o desejo de serem utilizados a todo instante, mas não. Não eram necessários agora. O importante nesse pedaço de mundo é ouvir o ruído de tudo o que habita a cidade.

Foi assim quando descobri que o som da chuva e do fogo são quase idênticos. E isso muda a música da vida. Descobri um pouco mais que isso... Mas não saberia explicar agora. Era preciso fiar o ninho, linha por linha dessas pipas que sobrevoam meu juízo. E fiz. Passei a construir com esse material bruto, o pedaço perdido da existência. Recriei o berço e fiz também um travesseiro com as linhas. Era para deitar a cabeça a ser preenchida pelas novidades que viriam. E não eram poucas.

Chegou a hora de usar a agulha. Estava quebrada. Mas esfregando o resto dela no vinil velho jogado no canto esquerdo da casa, talvez saísse um som. E saiu. Lembrava passarinhos, mas não era. Era um ruído quase colorido

Existem noites que são assim, grandes metrópoles estremecidas que desmoronam todos os sentidos, sonhos e um infinito cravado na memória e nos passos interrompidos. Não há como fugir de tudo isso agora. É o ar que habita a cidade, minha idade e o futuro cuidado num copo de água de chuva.

*Conto: MetrÓpole Humana Incendiária, inspirado nas narrativas de Maria Firmino, a moradora de rua que como todos nós precisamos nos reconstruir a cada segundo, mesmo que seja num arranha céu.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Os homens sem história têm uma alma dispersa. Sem memória e sem projeto, ficam submetidos ao presente como um drogado que só é feliz no clarão do imediato. Quem não tem memória não vira ninguém e quem tem medo de seu passado se deixa apanhar pela própria sombra.*

(Boris Cyrulnik – Autobiografia de um Espantalho)

As Marias aqui são testemunhas de uma história como tantas outras espalhadas pelo mundo afora. Elas são recortes de vida dos que estão regidos por poderes superiores, por dores, por vozes ativas que não a permitem falar e guiar a própria história. Elas sobrevivem como se estivessem num campo de concentração em Auschwitz. Em proporções e motivos – evidentemente – diferentes, mas com semelhanças e proximidades no tocante às suas vozes, aos seus testemunhos. *No campo, uma das razões que podem impelir um deportado a sobreviver consiste em tornar-se testemunha*<sup>41</sup>. Para Agamben, o campo de concentração é um traço do biopoder contemporâneo que reduz a vida à sobrevivência biológica. *Produzir sobreviventes seria, assim, a tarefa decisiva da biopolítica em nosso tempo.*<sup>42</sup>

Cada Maria registrada em cada página desta dissertação é um pedaço de mim. Não são só elas que estão regidas, dominadas e com seus corpos sem órgãos regidos pela biopolítica. Como nos campos de concentração da vida e de Auschwitz, os homens estão sujeitos a um processo de domínio e controle. A Vida Nua não está despida somente no nazismo. Ela está despida no olhar controlador do outro, na força das paredes concretas das instituições, nas escolas, nas ruas, nos hospícios e

<sup>41</sup> Capítulo I: A Testemunha do livro “O que resta de Auschwitz de Giorgio Agamben

<sup>42</sup> Ibidem, introdução.

em cada lugar onde o poder soberano tiver a capacidade de agir e revirar as perspectivas da vida humana. Antes a teoria do direito só conhecia o indivíduo e a sociedade.

Através dos relatos, suas vozes – antes caladas – ganham coro, força e passam a existir. Seus corpos estão dormentes, muitos dopados por remédios e seus passos estão amarrados a correntes invisíveis de hospícios e ruas estreitas, mas o pensamento não. Através dos relatos de Maria Firmino e Maria José pude compreender que o que difere um homem do outro é a sua linguagem, sua história e ser testemunha dela.

## **A Loucura**

“No caminho da dúvida, Descartes encontra a loucura ao lado do sonho e de todas as formas de erro. Será que essa possibilidade de ser louco não faz com que ele corra o risco de ver-se despojado da posse de seu próprio corpo, assim como o mundo exterior pode refugiar-se no erro, ou a consciência adormecer no sonho?, indagou Foucault em “A História da Loucura”.

O início do século ainda carregou a estigma da Loucura em sua face original em que o confinamento era a única maneira de “curar” e afastar socialmente os doentes mentais. Esse início de pensamento como explica Foucault, veio arrastado desde o final da Idade Média quando os leprosários se multiplicaram por toda a Europa. A partir do século XV, “o vazio se estabelece por toda parte” (FOUCAULT, 4). Com as celas para os leprosos vazias, surgiu a necessidade de manter o vínculo econômico que rendia bem para os países europeus.

*A lepra se retira, deixando sem utilidade esses lugares obscuros e esses ritos que não estavam destinados a suprimi-la, mas sim a mantê-la a uma distância sacramentada, a fixá-la numa exaltação inversa. Aquilo que sem dúvida vai permanecer por muito mais tempo que a lepra, e que se manterá ainda numa época em que, há anos os leprosários estavam vazios, são os valores e as imagens que tinham aderido à personagem do leproso; é o sentido da exclusão, a importância no grupo social dessa figura insistente e temida que não se põe de lado sem se traçar à sua volta um círculo sagrado. (FOUCAULT, p. 5, 1972 )*

Foi então que a loucura aconteceu na história, onde os homens moribundos e os que vagavam pelas ruas entraram nas celas de isolamento de um sistema manicomial estreito e duradouro que ainda não terminou. Essa carga histórica ainda abate sobre os hospitais psiquiátricos que mantêm o isolamento como ponto fundamental de uma possível “cura” para os internos. No ano de 2003 – quando Maria José esteve interna pela última vez no referido hospital – esta ainda era a forma mais adequada de tratamento.

*Vejo sim que um dia vou sair daqui desse hospital. Mas tenho medo de viver longe daqui, porque em casa eu acabo colocada num quartinho pra ninguém me olhar. Minha mãe faz muito isso comigo. Sei que ela é boa pra mim, mas ela faz sim, não posso mentir pra senhora e nem pra mim mesma. Ela não gosta que eu incomode as pessoas da rua ou quem chega lá em casa. Ela tem medo que eu machuque alguém, que eu saia gritando com raiva. Mas dá mais raiva assim, trancada.*  
(Anotações feitas na sala de Terapia Ocupacional do Hospital João Machado ao Maria José descrever sua sensação quando está em casa)

O sistema manicomial é tão fortemente entranhado socialmente que para sair dele é algo complexo e necessitará de anos de experimentos e evolução. Diante dos dados estatísticos e das teorias de Foucault como ele diz *a morte, em si mesma, não traz a*



*paz: a loucura ainda triunfará – verdade irrisoriamente eterna, para lá do fim de uma vida que, no entanto, tinha-se libertado da loucura através desse mesmo fim.*

### **Me Alugo para Sonhar**

Não, não é uma ideia minha

nem de alguém visto pela janela

era dele

de Gabriel

o Garcia

que colocou María de La Luz Cervantes

para bailar na minha vida

e ela veio

entrou como quem nuvem

desgarrada, enfurecida e trazendo sol

meio fosco

mas era

e não tarde

era ela

e as outras Marias

dentro de mim

me mostraram o que restou de Auschwitz

dos incêndios

das sobras

de dentro

me mostraram um outro mundo

esse aqui que habito agora.

me alugo.

Ps: Com o triunfo da loucura, seremos sempre inquilinos deste mundo dominado por forças, dores e angustias superiores.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. Trad. Iraci D. Poleti, São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

\_\_\_\_\_. *O que Resta de Auschwitz*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2008.

AZEVEDO, Juliana. *Diálogos da Alma: uma outra história da loucura*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciências Sociais, UFRN, 2006.

BARROS, Manoel de. *O Livro das Ignorâncias*. Editora Iluminuras, 2000.

BARROS, Manoel de. *O Guardador de Águas*. Rio de Janeiro, Record.5a. edição, 2006.

BAUMAN, Zygmund. *O Mal Estar da Pós Modernidade*. Traduzido por Mauro Gama e Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora 1998.

BAUMAN, Zygmund. *Vidas Desperdiçadas*. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

CYRULNIK, Boris. *Autobiografia de um Espantalho: Histórias de resiliência: o retorno à vida*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos IV - Michel Foucault: Estratégia, Poder-saber*. Organizador: Manoel de Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. de Maria E. Galvão. SP: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *História da Loucura na idade clássica*. Trad. José Teixeira Netto. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da clínica*. Trad. Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Traduzido por Vera Lucia Avellar. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1999.

GALENO, Alex. *Antonin Artaud: A Revolta de um Anjo Terrível*. São Paulo: Editora Sulina, 2005.

GALENO, A.; CASTRO, G.; SILVA, J.C. (Org.). *Complexidade à flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação*. São Paulo: Cortez, 2003.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LUZ, Madel. *A História de uma marginalização: a política oficial de saúde mental – ontem, hoje, alternativas e possibilidades*. In: AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho (org.). *Psiquiatria social e a reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Só vim telefonar*. In: MÁRQUEZ, Gabriel García. *Doze Contos Peregrinos*. São Paulo: Record, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim Falou Zaratustra*. Traduzido por: Also Sprach. 4ª. Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

PAL PELBART, Peter. *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura: Loucura e Desrazão*. São Paulo: Editora. Brasiliense, 1989.

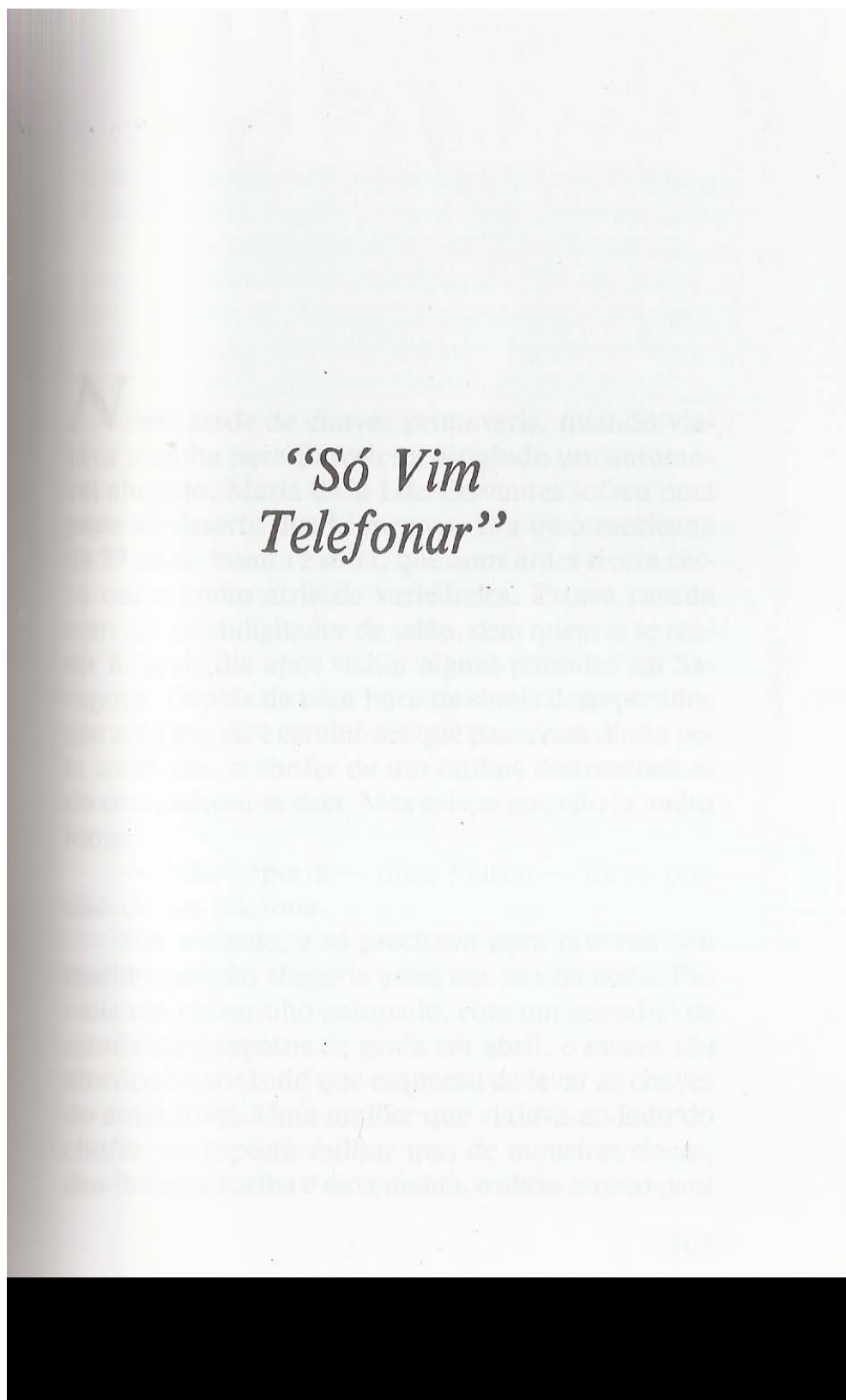
SLOTEDIJK, Peter. *Regras para um Parque Humano*. Estação da Liberdade, São Paulo, 1999.

SOUZA, Elizabeth. *Bocas, Câncer e Subjetividades: patografias em análise*. Tese de Doutorado, Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

VALENTINI, Willians. *Nenhum ser humano será bonsai*. In: HARARI, Angelina; VALENTINI, Willians (orgs.). *A reforma psiquiátrica no cotidiano*. São Paulo: Hucitec, 2001.

**ANEXOS**

ANEXO 1 – “ SÓ VIM TELEFONAR” – CONTO RETIRADO DO LIVRO “DOZE CONTOS PEREGRINOS”, GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ



**N**uma tarde de chuvas primaveris, quando viajava sozinha para Barcelona dirigindo um automóvel alugado, María de la Luz Cervantes sofreu uma pane no deserto dos Monegros. Era uma mexicana de 27 anos, bonita e séria, que anos antes tivera certo nome como atriz de variedades. Estava casada com um prestidigitador de salão, com quem ia se reunir naquele dia após visitar alguns parentes em Saragoça. Depois de uma hora de sinais desesperados aos automóveis e caminhões que passavam direto pela tormenta, o chofer de um ônibus destrambelhado compadeceu-se dela. Mas avisou que não ia muito longe.

— Não importa — disse María. — Eu só preciso de um telefone.

Era verdade, e só precisava para prevenir seu marido que não chegaria antes das sete da noite. Parecia um passarinho ensopado, com um agasalho de estudante e sapatos de praia em abril, e estava tão atordoada por tudo que esqueceu de levar as chaves do automóvel. Uma mulher que viajava ao lado do chofer, de aspecto militar mas de maneiras doces, deu-lhe uma toalha e uma manta, e abriu espaço para



ela ao seu lado. Depois de mais ou menos se secar, María sentou-se, enrolou-se na manta e tentou acender um cigarro, mas os fósforos estavam molhados. A vizinha de assento deu-lhe fogo e pediu um cigarro dos poucos que estavam secos. Enquanto fumavam, María cedeu à vontade de desabafar e sua voz soou mais que a chuva e o barulho da lataria do ônibus. A mulher interrompeu-a com o dedo nos lábios.

— Estão dormindo — murmurou.

María olhou por cima do ombro e viu que o ônibus estava ocupado por mulheres de idades incertas e condições diferentes que dormiam enroladas em mantas iguais à dela. Contagiada por sua placidez, María enroscou-se no assento e abandonou-se ao rumor da chuva. Quando despertou era de noite e o aguaceiro havia se dissolvido num sereno gelado. Não tinha a menor idéia de quanto tempo havia dormido nem em que lugar do mundo estavam. Sua vizinha de assento tinha uma atitude alerta.

— Onde estamos? — perguntou María.

— Chegamos — respondeu a mulher.

O ônibus havia entrado no pátio empedrado de um edifício enorme e sombrio que parecia um velho convento num bosque de árvores colossais. As passageiras, iluminadas apenas por um farol do pátio, permaneceram imóveis até que a mulher de aspecto militar as fez descer com um sistema de ordens primárias, como em um jardim-de-infância. Todas eram mais velhas, e moviam-se com tal parcimônia na penumbra do pátio que pareciam imagens de um

sonho. María, a última a descer, pensou que eram freiras. Pensou menos quando viu várias mulheres de uniforme que as receberam na porta do ônibus, e cobriam suas cabeças para que não se molhassem, e as colocavam em fila indiana, dirigindo-as sem falar com elas, com palmas rítmicas e peremptórias. Depois de se despedir de sua vizinha de assento, María quis devolver-lhe a manta, mas ela falou que cobrisse a cabeça para atravessar o pátio e que a devolvesse na portaria.

— Será que lá tem telefone? — perguntou María.

— Claro — disse a mulher. — Lá mesmo eles mostram.

Pediu a María outro cigarro, e ela deu o resto do maço molhado. “No caminho eles secam”, disse. A mulher fez adeus com a mão, e quase gritou: “Boa sorte.” O ônibus arrancou sem dar tempo para mais nada.

María começou a correr para a entrada do edifício. Uma guarda tentou detê-la batendo palmas enérgicas, mas teve que apelar para um grito imperioso: “Eu disse alto!” María olhou por baixo da manta, e viu uns olhos de gelo e um dedo inapelável indicando a fila. Obedeceu. Já no saguão do edifício separou-se do grupo e perguntou ao porteiro onde havia um telefone. Uma das guardas fez com que ela voltasse para a fila dando-lhe palmadinhas nas costas, enquanto dizia com modos muito suaves:

— Por aqui, gracinha, o telefone é por aqui.



María seguiu com as outras mulheres por um corredor tenebroso, e no final entrou em um dormitório coletivo onde as guardas recolheram as mantas e começaram a repartir as camas. Uma mulher diferente, que María achou mais humana e de hierarquia mais alta, percorreu a fila comparando uma lista com os nomes que as recém-chegadas tinham escrito num cartão costurado no sutiã. Quando chegou na frente de María surpreendeu-se que ela não levasse a identificação.

— É que só vim telefonar — disse María.

Explicou-lhe com muita pressa que seu automóvel havia quebrado na estrada. O marido, que era mago de festas, estava esperando por ela em Barcelona para cumprir três compromissos até a meia-noite, e queria avisá-lo que não chegaria a tempo para acompanhá-lo. Eram quase sete da noite. Ele sairia de casa dentro de dez minutos, e ela temia que cancelasse tudo por causa de seu atraso. A guarda pareceu escutá-la com atenção.

— Como é o seu nome? — perguntou.

María disse como se chamava com um suspiro de alívio, mas a mulher não encontrou seu nome depois de repassar a lista várias vezes. Perguntou alarmada a uma guarda, e esta, sem nada para dizer, sacudiu os ombros.

— É que eu só vim para telefonar — disse María.

— Está bem, beleza — disse a superiora, levando-a até a sua cama com uma doçura demasia-

do ostensiva para ser real —, se você se portar bem vai poder falar por telefone com quem quiser. Mas agora não, amanhã.

Alguma coisa aconteceu então na mente de María que a fez entender por que as mulheres do ônibus moviam-se como no fundo de um aquário. Na realidade, estavam apaziguadas com sedantes, e aquele palácio em sombras, com grossos muros de pedra e escadarias geladas, era na realidade um hospital de enfermas mentais. Assustada, escapou correndo do dormitório, e antes de chegar ao portão uma guarda gigantesca com um macacão de mecânico agarrou-a com um golpe de tigre e imobilizou-a no chão com uma chave mestra. María olhou-a de viés paralisada de terror.

— Pelo amor de Deus — disse. — Juro pela minha mãe morta que só vim telefonar.

Bastou ver sua cara para saber que não havia súplica possível diante daquela energúmena vestida de mecânico que era chamada de Herculina por sua força descomunal. Era a responsável pelos casos difíceis, e duas reclusas tinham morrido estranguladas com seu braço de urso-polar adestrado na arte de matar por descuido. O primeiro caso foi resolvido como sendo um acidente comprovado. O segundo foi menos claro, e Herculina foi advertida e admoestada de que na próxima vez seria investigada a fundo. A versão corrente era que aquela ovelha desgarrada de uma família de sobrenomes grandes tinha uma turva carreira de



acidentes duvidosos em vários manicômios da Espanha.

Para que María dormisse a primeira noite, tiveram que lhe injetar um sonífero. Antes do amanhecer, quando foi despertada pelo desejo de fumar, estava amarrada pelos pulsos e pelos tornozelos nas barras da cama. Ninguém acudiu aos seus gritos. Pela manhã, enquanto o marido não encontrava em Barcelona nenhuma pista de seu paradeiro, tiveram que levá-la à enfermaria, pois a encontraram sem sentidos num pântano de suas próprias misérias.

Não soube quanto tempo havia passado quando voltou a si. Mas então o mundo era um remanso de amor, e na frente de sua cama estava um ancião monumental, com um andar de plantígrado e um sorriso sedante, que com dois passes de mestre devolveu-lhe a alegria de viver. Era o diretor do sanatório.

Antes de dizer qualquer coisa, sem ao menos cumprimentá-lo, María pediu um cigarro. Ele deu, aceso, e também o maço quase cheio. María não pôde reprimir o pranto.

— Aproveite para chorar tudo que você quiser — disse o médico, com sua voz adormecedora. — Não existe melhor remédio que as lágrimas.

María desafogou-se sem pudor, como nunca havia conseguido com seus amantes casuais nos tédios de depois do amor. Enquanto a ouvia, o médico a penteava com os dedos, arrumava o travesseiro para que respirasse melhor, a guiava pelo labirinto de

sua incerteza com uma sabedoria e uma doçura que ela jamais havia sonhado. Era, pela primeira vez em sua vida, o prodígio de ser compreendida por um homem que a escutava com toda a alma sem esperar a recompensa de levá-la para a cama. Após uma longa hora, desafogada até o fim, pediu-lhe autorização para telefonar para o seu marido.

O médico levantou-se com toda a majestade de seu cargo. “Ainda não, princesa”, disse, dando em sua face o tapinha mais terno que ela jamais havia sentido. “Cada coisa tem sua hora.” Da porta, fez uma bênção episcopal, e desapareceu para sempre.

— Confie em mim — disse a ela.

Naquela mesma tarde, María foi inscrita no asilo com um número de série, e com um comentário superficial sobre o enigma da sua procedência e as dúvidas sobre sua identidade. Na margem ficou uma qualificação escrita a mão pelo diretor: *agitada*.

Tal como María havia previsto, o marido saiu de seu modesto apartamento do bairro de Horta com meia hora de atraso para cumprir os três compromissos. Era a primeira vez que ela não chegava a tempo em quase dois anos de uma união livre bem combinada, e ele entendeu o atraso pela ferocidade das chuvas que assolaram a província naquele fim de semana. Antes de sair deixou um recado pregado na porta com o itinerário da noite.

Na primeira festa, com todas as crianças disfarçadas de canguru, dispensou o truque-mor dos peixes invisíveis porque não conseguia fazê-lo sem



a ajuda dela. O segundo compromisso era na casa de uma anciã de 93 anos, numa cadeira de rodas, que se vangloriava de haver celebrado cada um dos últimos trinta aniversários com um mago diferente. Ele estava tão contrariado pela demora de María que não conseguiu se concentrar nos passes mais simples. O terceiro compromisso era o de todas as noites num café-concerto das Ramblas, onde atuou sem inspiração para um grupo de turistas franceses que não conseguiram acreditar no que viam porque se negavam a crer na magia. Depois de cada representação telefonou para casa, e esperou sem ilusões que María atendesse. Na última já não pôde reprimir a inquietação de que algo de mau havia acontecido.

De volta para casa na caminhonete adaptada para as funções públicas viu o esplendor da primavera nas palmeiras do Paseo de Gracia, e foi estremecido pelo pensamento funesto de como poderia ser a cidade sem María. A última esperança se desvaneceu quando encontrou seu recado ainda pregado na porta. Estava tão contrariado que esqueceu de dar comida ao gato.

Só agora, ao escrever, percebo que nunca soube como era o nome dele na realidade, porque em Barcelona só o conhecíamos por seu nome profissional: o Mago Saturno. Era um homem de gênio esquisito e com uma inabilidade social irredimível, mas o tato e a graça que nele faziam falta sobravam em María. Era ela quem o guiava pela mão nesta comunidade de grandes mistérios, onde ninguém te-

ria a idéia de ligar para alguém depois da meia-noite perguntando pela própria mulher. Saturno havia feito isso assim quando chegou e não queria recordar. Por isso, naquela noite conformou-se com telefonar para Saragoça, onde uma avó meio adormecida respondeu sem alarma que María havia partido depois do almoço. Não dormiu mais de uma hora ao amanhecer. Teve um sonho de pântano, no qual viu María com um vestido de noiva em farrapos e salpicada de sangue, e despertou com a certeza pavorosa de que havia tornado a deixá-lo sozinho, e agora para sempre, num vasto mundo sem ela.

Havia feito isso três vezes com três homens diferentes, ele inclusive, nos últimos cinco anos. Havia abandonado-o na Cidade do México seis meses depois de conhecê-lo, quando agonizavam de felicidade com um amor demente num quarto do bairro Anzures. Certa manhã, María não amanheceu em casa depois de uma noite de abusos inconfessáveis. Deixou tudo que era dela, inclusive a aliança de seu casamento anterior, e uma carta na qual dizia que não era capaz de sobreviver ao tormento daquele amor desatinado. Saturno pensou que havia voltado ao seu primeiro marido, um discípulo da escola secundária com quem se casou às escondidas sendo menor de idade, e a quem abandonou por outro depois de dois anos sem amor. Mas não: havia regressado à casa de seus pais, e lá foi Saturno buscá-la a qualquer preço. Rogou sem condições, prometeu muito mais do que estava decidido a cumprir,



mas tropeçou com uma determinação invencível. “Existem amores curtos e amores longos”, disse ela. E concluiu sem misericórdia: “Este foi curto.” Ele rendeu-se diante de seu rigor. No entanto, certa madrugada de um dia de Todos os Santos, ao voltar para o seu quarto de órfão depois de quase um ano de esquecimento, encontrou-a dormindo no sofá da sala com a coroa de flores de laranjeira e a longa cauda de espuma das noivas virgens.

María contou a verdade. O novo noivo, viúvo, sem filhos, com a vida resolvida e a disposição de se casar para sempre na igreja católica, havia deixado-a vestida de noiva esperando no altar. Seus pais decidiram fazer a festa do mesmo jeito. Ela acompanhou a brincadeira. Dançou, cantou com os *mariachis*, abusou da bebida, e num terrível estado de remorsos tardios foi procurar Saturno à meia-noite.

Ele não estava em casa, mas encontrou as chaves no vaso de flores do corredor, onde sempre as escondera. Daquela vez, foi ela quem se rendeu sem condições. “E agora até quando?”, ele perguntou. Ela respondeu com um verso de Vinicius de Moraes: “O amor é eterno enquanto dura.” Dois anos depois, continuava sendo eterno.

María pareceu amadurecer. Renunciou a seus sonhos de atriz e consagrou-se a ele, tanto no ofício como na cama. No fim do ano anterior haviam assistido a um congresso de magos em Perpignan, e na volta conheceram Barcelona. Gostaram tanto que

estavam ali fazia oito meses, e iam tão bem que haviam comprado um apartamento no bairro muito catalão de Horta, ruidoso e sem porteiro, mas com espaço de sobra para cinco filhos. Havia sido a felicidade possível, até o fim de semana em que ela alugou um automóvel e foi visitar seus parentes de Saragoça com a promessa de voltar às sete da noite da segunda. Ao amanhecer da quinta ainda não dera sinais de vida.

Na segunda-feira da semana seguinte a companhia de seguros do automóvel alugado telefonou para perguntar por María. “Não sei nada”, disse Saturno. “Procurem em Saragoça.” Desligou. Uma semana depois um guarda civil foi à sua casa com a notícia de que haviam achado o automóvel deparado, num atalho perto de Cádiz, a novecentos quilômetros do lugar em que María o abandonou. O policial queria saber se ela tinha mais detalhes do roubo. Saturno estava dando comida ao gato, e olhou-o apenas para dizer sem mais rodeios que não perdessem tempo, pois sua mulher havia fugido de casa e ele não sabia com quem ou para onde. Era tamanha sua convicção que o policial sentiu-se incomodado e pediu perdão pelas perguntas. O caso foi declarado encerrado.

O receio de que María pudesse ir embora outra vez havia assaltado Saturno na Páscoa em Cadaqués, onde Rosa Regàs os havia convidado para velejar. Estávamos no *Marítim*, o populoso e sórdido bar da *gauche divine* no crepúsculo do franquismo, em volta



de uma daquelas mesas de ferro com cadeiras de ferro onde só cabiam a duras penas seis e sentavam vinte. Depois de esgotar o segundo maço de cigarros da jornada María percebeu que não tinha fósforos. Um braço esquelético de pêlos viris com uma pulseira de bronze romano abriu caminho através do tumulto da mesa e ofereceu-lhe fogo. Ela agradeceu sem olhar quem era, mas o Mago Saturno viu. Era um adolescente ósseo e lampinho, de uma palidez de morto e um rabo-de-cavalo de cabelos muito negros que chegavam até a sua cintura. As janelas do bar mal suportavam a fúria da tramontana da primavera, mas ele ia vestido com uma espécie de pijama de usar na rua, de algodão cru, e umas tamancas de lavrador.

Não tornaram a vê-lo até o fim do outono, numa pensão de mariscos de La Barceloneta, com o mesmo conjunto de saraça ordinária e uma longa trança em vez do rabo-de-cavalo. Cumprimentou-os como se fossem velhos amigos, e pelo modo com que beijou María, e pelo modo com que ela correspondeu, Saturno foi fulminado pela suspeita de que haviam andado se encontrando escondidos. Dias depois encontrou por acaso um nome novo e um número de telefone escritos na caderneta doméstica, e a inclemente lucidez dos ciúmes revelou-lhe de quem eram. O prontuário social do intruso acabou de liquidá-lo: 22 anos, filho único de ricos, decorador de vitrines da moda, com uma fama fácil de bissexual e um prestígio bem fundamentado como

consolador de aluguel de mulheres casadas. Mas conseguiu superar tudo até a noite em que María não voltou para casa. Então começou a telefonar para ele todos os dias, primeiro a cada duas ou três horas, das seis da manhã até a madrugada seguinte, e depois cada vez que encontrava um telefone. O fato de que ninguém atendesse aumentava o seu martírio.

No quarto dia atendeu uma andaluza, que só ia fazer a faxina. “O sinhôzinho não está”, disse, com um jeito vago o suficiente para enlouquecê-lo. Saturno não resistiu à tentação de perguntar se por acaso a senhorita María não estava.

— Aqui não mora nenhuma María — disse a mulher. — O patrão é solteiro.

— Já sei disso — respondeu ele. — Não mora mas vai às vezes, não é?

A mulher se enfureceu.

— Mas quem está falando, porra?

Saturno desligou. A negativa da mulher pareceu-lhe uma confirmação a mais do que para ele já não era suspeita, era uma certeza ardente. Perdeu o controle. Nos dias seguintes telefonou em ordem alfabética para todos os conhecidos de Barcelona. Ninguém informou nada, mas cada telefonema agravou sua infelicidade, porque seus delírios de ciúmes já eram célebres entre os madrugadores impenitentes da *gauche divine*, que respondiam com qualquer piada que o fizesse sofrer. Só então compreendeu até que ponto estava sozinho naquela cidade bela, lunática e impenetrável, na qual jamais seria feliz.



Pela madrugada, depois de dar comida ao gato, apertou o coração para não morrer, e tomou a determinação de esquecer María.

Depois de dois meses, María ainda não havia se adaptado à vida no sanatório. Sobrevivia mal e mal, comendo quase nada daquela pitação de cárcere com os talheres acorrentados à mesona de madeira bruta, e os olhos fixos na litografia do general Francisco Franco que presidia o lúgubre refeitório medieval. No começo resistia às horas canônicas com sua rotina palerma de matinas, laudes, vésperas, e a outros ofícios da igreja que ocupavam a maior parte do tempo. Negava-se a jogar bola no pátio do recreio e a trabalhar na oficina de flores artificiais que um grupo de reclusas mantinha com uma diligência frenética. Mas na terceira semana foi incorporando-se pouco a pouco à vida do claustro. Afinal, diziam os médicos, todas começavam assim, e cedo ou tarde acabavam integrando-se na comunidade.

A falta de cigarros, resolvida nos primeiros dias por uma vigilante que os vendia a preço de ouro, tornou a atormentá-la quando acabou o pouco dinheiro que trouxera. Consolou-se depois com os cigarros de papel de jornal que algumas reclusas fabricavam com as guimbas recolhidas no lixo, pois a obsessão de fumar havia chegado a ser tão intensa quanto a do telefone. As pesetas exíguas que ganhou mais tarde fabricando flores artificiais permitiram a ela um alívio efêmero.

O mais duro era a solidão das noites. Muitas reclusas permaneciam despertas na penumbra, como ela, mas sem se atrever a nada, pois a vigilante noturna velava também no portão fechado com corrente e cadeado. Certa noite, porém, abrumada pela tristeza, María perguntou com voz suficiente para que sua vizinha de cama escutasse:

— Aonde estamos?

A voz grave e lúcida da vizinha respondeu:

— Nas profundas do inferno.

— Dizem que esta terra é de mouros — disse outra voz distante que ressoou no dormitório inteiro. — E deve ser mesmo, porque no verão, quando há lua, ouvem-se cães ladrando para o mar.

Ouviu-se uma corrente nas argolas como uma âncora de galeão, e a porta se abriu. A cérbera, o único ser que parecia vivo no silêncio instantâneo começou a passear de um extremo a outro do dormitório. María se assustou, e só ela sabia por quê.

Desde sua primeira semana no sanatório, a vigilante noturna lhe havia proposto sem rodeios que dormisse com ela no quarto de guarda. Começou com um tom de negócio concreto: troca de amor por cigarros, por chocolates, pelo que fosse. “Você vai ter de tudo”, dizia, trêmula. “Você vai ser a rainha.” Diante da recusa de María, a guarda mudou de método. Deixava papezinhos de amor debaixo do travesseiro, nos bolsos do roupão, nos lugares menos imaginados. Eram mensa-



gens de uma aflição dilacerante capaz de estremecer as pedras. Fazia mais de um mês que parecia resignada à derrota, na noite em que ocorreu o incidente no dormitório.

Quando se convenceu de que todas as reclusas dormiam, a guarda aproximou-se da cama de María, e murmurou em seu ouvido todo tipo de obscenidades ternas, enquanto beijava sua cara, o pescoço tenso de terror, os braços tesos, as pernas exaustas. No fim, achando talvez que a paralisia de María não era de medo e sim de complacência, atreveu-se a ir mais longe. María deu-lhe então um golpe com as costas da mão que mandou-a contra a cama vizinha. A guarda levantou-se furibunda no meio do escândalo das reclusas alvoroçadas.

— Filha da puta — gritou. — Vamos apodrecer juntas neste chiqueiro até que você fique louca por mim.

O verão chegou sem se anunciar no primeiro domingo de junho, e foi preciso tomar medidas de emergência, porque as reclusas sufocadas começavam a tirar durante a missa as batinas de lã. María assistiu divertida ao espetáculo das enfermas peladas que as guardas tocavam pelas naves da capela como se fossem galinhas cegas. No meio da confusão, tratou de se proteger dos golpes perdidos, e sem saber como encontrou-se sozinha no escritório abandonado, e com um telefone que tocava sem cessar com uma campainha de súplica. María respondeu sem pensar, e ouviu uma voz dis-

tante e sorridente que se distraía imitando o serviço de hora certa:

— São quarenta e cinco horas, noventa e dois minutos e cento e sete segundos.

— Veado — disse María.

Desligou divertida. Já ia embora, quando percebeu que estava deixando escapar uma ocasião irrepetível. Então discou seis números, com tanta tensão e tanta pressa, que não teve certeza de ser o número de sua casa. Esperou com o coração na boca, ouviu a campainha familiar com seu tom ávido e triste, uma vez, duas vezes, três vezes, e ouviu enfim a voz do homem de sua vida na casa sem ela.

— Alô?

Precisou esperar que passasse a bola de lágrimas que se formou na sua garganta.

— Coelho, minha vida — suspirou.

As lágrimas a venceram. Do outro lado da linha houve um breve silêncio de espanto, e a voz ensandecida pelos ciúmes cuspiu a palavra:

— Puta!

E desligou.

Naquela noite, num ataque frenético, María tirou da parede do refeitório a litografia do generalíssimo, arrojou-a com todas as suas forças contra o vitral do jardim, e desmoronou banhada em sangue. Ainda lhe sobrou raiva para enfrentar na porrada as guardas que tentaram dominá-la, sem conseguir, até que viu Herculina plan-



tada no vão da porta, com os braços cruzados, olhando para ela. Rendeu-se. Ainda assim, foi arrastada até o pavilhão das loucas perigosas, foi aniquilada com uma mangueira de água gelada, e injetaram terebintina em suas pernas. Impedida de caminhar por causa da inflamação provocada, María percebeu que não havia nada no mundo que não fosse capaz de fazer para escapar daquele inferno. Na semana seguinte, já de regresso ao dormitório comum, levantou-se na ponta dos pés e bateu na cela da guarda da noite.

O preço de María, exigido de antemão, foi levar um recado ao seu marido. A guarda aceitou, sempre que o trato fosse mantido no mais absoluto segredo. E apontou-lhe com um dedo inexorável.

— Se alguma vez alguém souber, você morre.

Desta forma o Mago Saturno foi parar no sanatório de loucas no sábado seguinte, com a camionete de circo preparada para celebrar o regresso de María. O diretor o recebeu em pessoa no seu escritório, tão limpo e arrumado quanto um barco de guerra, e fez um relatório afetuoso sobre o estado de sua esposa. Ninguém sabia de onde chegou, nem como nem quando, pois a primeira informação sobre sua entrada era o registro oficial ditado por ele mesmo quando a entrevistou. Uma investigação iniciada no mesmo dia não dera em nada. Porém, o que mais intrigava o diretor era como Saturno soube do paradeiro de sua esposa. Saturno protegeu a guarda.

— A companhia de seguros do automóvel me informou — disse.

O diretor concordou satisfeito. “Não sei como o seguro faz para saber tudo”, disse. Deu uma olhada no expediente que tinha sobre sua escrivania de asceta, e concluiu:

— A única certeza é que seu estado é grave.

Estava disposto a autorizar uma visita com as devidas precauções se o Mago Saturno promettesse, pelo bem de sua esposa, restringir-se à conduta que ele indicasse. Sobretudo na maneira de tratá-la, para evitar que recaísse em seus acessos de fúria cada vez mais freqüentes e perigosos.

— Que esquisito — disse Saturno. — Sempre foi de gênio forte, mas de muito domínio.

O médico fez um gesto de sábio. “Há condutas que permanecem latentes durante muitos anos, e um dia explodem”, disse. “Porém, é uma sorte que tenha caído aqui, porque somos especialistas em casos que requerem mão forte.” No final, fez uma advertência sobre a estranha obsessão de María pelos telefones.

— Deixe-a falar — disse.

— Fique tranqüilo, doutor — disse Saturno com ar alegre. — É a minha especialidade.

A sala de visitas, mistura de cárcere e confessional, era o antigo locutório do convento. A entrada de Saturno não foi a explosão de júbilo que ambos poderiam esperar. María estava de pé no centro do salão, junto a uma mesinha com duas cadei-



ras e um vaso sem flores. Era evidente que estava pronta para ir embora, com seu lamentável casaco cor de morango e sapatos sórdidos que havia ganho de esmola. Num canto, quase invisível, estava Herculina com os braços cruzados. María não se moveu ao ver o marido entrar nem mostrou emoção alguma na cara ainda salpicada pelos estragos do vitral. Deram um beijo de rotina.

— Como você se sente? — perguntou ele.

— Feliz por você enfim ter vindo, coelho — disse ela. — Isto foi a morte.

Não tiveram tempo de sentar-se. Afogando-se em lágrimas, María contou as misérias do claustro, a barbárie das guardas, a comida de cachorro, as noites intermináveis sem fechar os olhos de terror.

— Já nem sei há quantos dias estou aqui, ou meses ou anos, mas sei que cada um foi pior que o outro — disse, e suspirou com a alma. — Acho que nunca voltarei a ser a mesma.

— Agora tudo isso passou — disse ele, acariciando com os dedos as cicatrizes recentes de sua cara. — Eu continuarei a vir todos os sábados. E até mais, se o diretor permitir. Você vai ver como tudo dará certo.

Ela fixou nos olhos dele seus olhos aterrorizados. Saturno tentou suas artes de salão. Contou, no tom pueril das grandes mentiras, uma versão adocicada dos prognósticos do médico. “Em resumo”, concluiu, “ainda faltam alguns dias para

você estar recuperada de vez.” María entendeu a verdade.

— Por Deus, coelho! — disse, atônita. — Não me diga que você também acha que estou louca!

— Nem pense nisso! — disse ele, tratando de rir. — Acontece que será muito mais conveniente para todos que você fique aqui algum tempo. Em melhores condições, é claro.

— Mas se eu já te disse que só vim telefonar! — falou María.

Ele não soube como reagir à obsessão temível. Olhou para Herculina. Ela aproveitou a olhada para indicar em seu relógio de pulso que estava na hora de terminar a visita. María interceptou o sinal, olhou para trás, e viu Herculina na tensão do assalto iminente. Então agarrou-se no pescoço do marido gritando como uma verdadeira louca. Ele safou-se com todo o amor que pôde, e deixou-a à mercê de Herculina, que saltou sobre suas costas. Sem dar-lhe tempo para reagir, aplicou em María uma chave com a mão esquerda, passou o outro braço de ferro em volta de seu pescoço, e gritou para o Mago Saturno:

— Vá embora!

Saturno fugiu apavorado.

Ainda assim, no sábado seguinte, já recuperado do espanto da visita, voltou ao sanatório com o gato vestido como ele: a malha vermelha e amarela do grande Leotardo, o chapéu de copa e uma capa de volta e meia que parecia feita para voar. Entrou com



a caminhonete de feira até o pátio do claustro, e ali fez uma função prodigiosa de quase três horas que todas as reclusas desfrutaram dos balcões, com gritos discordantes e ovações inoportunas. Estavam todas, menos María, que não só se negou a receber o marido, como sequer quis vê-lo dos balcões. Saturno sentiu-se ferido de morte.

— É uma reação típica — consolou o diretor.  
— Já passa.

Mas não passou nunca. Depois de tentar muitas vezes ver María de novo, Saturno fez o impossível para que recebesse uma carta, mas foi inútil. Quatro vezes devolveu-a fechada e sem comentários. Saturno desistiu, mas continuou deixando na portaria do hospital as rações de cigarros, sem ao menos saber se chegavam a María, até que a realidade o venceu.

Nunca mais se soube dele, exceto que tornou a se casar e que voltou ao seu país. Antes de ir embora de Barcelona deixou o gato meio morto de fome com uma namoradinha casual, que além disso se comprometeu a continuar levando cigarros para María. Mas também ela desapareceu. Rosa Regàs recordava ter visto a moça no Corte Inglês, há uns doze anos, com a cabeça rapada e a túnica alaranjada de alguma seita oriental, grávida até não poder mais. Ela contou-lhe que continuara levando cigarros para María, sempre que pôde, e resolvendo para ela algumas urgências imprevistas, até o dia em que só encontrou os escombros do hospital, de-

molido como uma lembrança ruim daqueles tempos ingratos. Maria pareceu-lhe muito lúcida na última vez em que a viu, um pouco acima do peso e contente com a paz do claustro. Naquele dia, levou-lhe também o gato, porque havia acabado o dinheiro que Saturno deixou para a comida.

*Abril de 1978.*

*Assombrações de  
Agosto*

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)